



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**CURSO DE AGRONOMIA COM ÊNFASE EM AGROECOLOGIA**

**SARUÊ KARINA DO SANTO ISATON**

**FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE PASSOS MAIA SC:  
ALTERNATIVA DE EMPODERAMENTO PARA AS MULHERES CAMPONESAS**

**PONTÃO**  
**2018**

**SARUÊ KARINA DO SANTO ISATON**

**FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE PASSOS MAIA SC:  
ALTERNATIVA DE EMPODERAMENTO PARA AS MULHERES CAMPONESAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Agronomia com Ênfase em Agroecologia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Agronomia.

Orientador. Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello

Coorientador. Prof. Ms. Jacir João Chies

PONTÃO

2018

Isaton, Saruê Karina do Santo  
FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE PASSOS MAIA  
SC: ALTERNATIVA DE EMPODERAMENTO PARA AS MULHERES  
CAMPONESAS / Saruê Karina do Santo Isaton. -- 2018.  
67 f.:il.

Orientador: Ulisses Pereira de Mello.

Coorientador: Jacir João Chies.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Agronomia com ênfase em Agroecologia , Erechim, RS ,  
2018.

1. Mulheres Camponesas. 2. Empoderamento das  
Mulheres. 3. Organização das Mulheres. 4. Feira da  
Reforma Agrária. 5. Trocas de Experiências . I. Mello,  
Ulisses Pereira de, orient. II. Chies, Jacir João,  
co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul.

Fonte: Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SARUÊ KARINA DO SANTO ISATON

“FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE PASSOS MAIA – SC: ALTERNATIVA  
PARA EMPODERAMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS”

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de  
Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Ulisses Pereira de Mello

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 05/06/2018.

Banca examinadora:



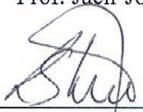
---

Prof. Ulisses Pereira de Mello



---

Prof. Jacir João Chies



---

Prof. Lizete Stumpf

Dedico este trabalho em especial às mulheres camponesas, sujeitas e transformadoras de uma sociedade onde os sujeitos são emancipadores da humanização.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos Movimentos Sociais pela conquista de realizar este curso de formação, sendo uma ferramenta de construção, transformação e sem dúvida a realização de um sonho de muitos companheiros e companheiras da classe trabalhadora.

Ao Instituto Educar pelo esforço em desenvolver o curso de início ao fim, e à Universidade Federal da Fronteira Sul pela parceria.

Ao orientador Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello, pelo apoio e incentivo desde o início na busca de realizar um bom trabalho.

Ao educador Jacir João Chies pelo esforço, dedicação e incentivo no auxílio ao desenvolvimento desde o início do trabalho.

Agradeço a toda minha família, em especial as minhas grandes inspirações que são meus pais Volmar Isaton e Claudete Caciano do Santo, minha irmã Patrícia Isaton e seu companheiro Douglas Kaue Risso, meu irmãozinho João Davi Isaton e meu sobrinho Bernardo Yuri Isaton, que sempre estiveram presente me incentivando e apoiando em todas as etapas de meu estudo.

Meus sinceros agradecimentos ao meu companheiro Maferson Augusto Mânica que esteve ao meu lado, sempre presente em todos os momentos me incentivando para chegar até aqui.

Também agradeço a família do meu companheiro, Fernando Mânica, Marilda Mânica, Everson Kemmerich, Fernanda Mânica Kemmerich e José Augusto Kemmerich, por me acolherem em sua família me apoiando e incentivando desde o início do curso até agora.

Por fim a todos os companheiros e companheiras colegas da Turma Enio Guterres que com muito companheirismo e solidariedade estavam juntamente presente em todo esse processo, marcado de Lutas, buscando principalmente alcançar um grande sonho que é a formação acadêmica dos filhos da classe trabalhadora.

## RESUMO

A descoberta da agricultura pelas mulheres foi um fato histórico e de grande importância tanto para o meio rural, como também para o meio urbano. Porém, mesmo assim, as mulheres não têm recebido seu devido valor na sociedade ao longo dos tempos. Assim, visando refletir sobre essa situação, buscou-se desenvolver esse estudo cujo objetivo foi analisar a Feira da Reforma Agrária de Passos Maia SC, como espaço de empoderamento das mulheres camponesas. O trabalho foi desenvolvido no município de Passos Maia, região Oeste do Estado de Santa Catarina. A metodologia consistiu em um estudo de caso, com pesquisa em um âmbito exploratório, utilizando uma abordagem qualitativa. Foram entrevistadas quatro companheiras. Ainda foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois consumidores da área urbana que frequentam a Feira da Reforma Agrária do município pra identificar a importância da feira nessa realidade. Com o estudo verificou-se que a feira é um espaço fundamental de empoderamento para as mulheres, pois, neste espaço elas conseguem se encontrar e conversar entre si, trocar ideias e mostrar o seu trabalho desenvolvido nos assentamentos. Observou-se ainda que a feira é um importante espaço para a divulgação do trabalho das mulheres dos assentamentos de reforma agrária, pois segundo as entrevistadas a feira é um espaço de mostrar a sociedade que a reforma agrária dá certo e que as mulheres são extremamente importante nesse contexto. Ao analisar a relação dos produtores e dos consumidores da Feira da Reforma Agrária como forma de aproximação do meio rural com o meio urbano, constatou-se que a relação e a troca de experiências entre produtores e consumidores foi algo marcante na construção do processo da feira desse município. O trabalho das mulheres na feira é exemplar e muito importante, porque, durante as vendas vai havendo diversas trocas de experiências que contribuem para a aprendizagem do povo urbano, e certamente para o empoderamento dessas companheiras.

Palavras-chaves: Mulheres camponesas; MST; Empoderamento; Feiras locais; Canais curtos de comercialização.

## **RESUMEN**

El descubrimiento de la agricultura por las mujeres fue un hecho histórico y de gran importancia tanto para el medio rural, como para el medio urbano. Pero, sin embargo, las mujeres no han recibido su debido valor en la sociedad a lo largo de los tiempos. Así, para reflexionar sobre esa situación, se buscó desarrollar ese estudio cuyo objetivo fue analizar la Feria de la Reforma Agraria de Passos Maia SC, como espacio de empoderamiento de las mujeres campesinas. El trabajo fue desarrollado en el municipio de Passos Maia, región Oeste del Estado de Santa Catarina. La metodología consistió en un estudio de caso, con investigación en un ámbito exploratorio, utilizando un abordaje cualitativo. Se entrevistaron a cuatro compañeras. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con dos consumidores del área urbana que frecuentan la Feria de la Reforma Agraria del municipio para identificar la importancia de la feria en esa realidad. Con el estudio se verificó que la feria es un espacio fundamental de empoderamiento para las mujeres, pues, en este espacio ellas pueden encontrarse y conversar entre sí, intercambiar ideas y mostrar su trabajo desarrollado en los asentamientos. Se observó además que la feria es un importante espacio para la divulgación del trabajo de las mujeres de los asentamientos de reforma agraria, pues según las entrevistadas la feria es un espacio de mostrar la sociedad que la reforma agraria funciona y que las mujeres son extremadamente importantes en ese contexto. Al analizar la relación de los productores y de los consumidores de la Feria de la Reforma Agraria como forma de aproximación del medio rural con el medio urbano, se constató que la relación y el intercambio de experiencias entre productores y consumidores fue algo marcante en la construcción del proceso de la feria de dicho municipio. El trabajo de las mujeres en la feria es ejemplar y muy importante, porque durante las ventas va habiendo diversos intercambios de experiencias que contribuyen sin dudas al aprendizaje del pueblo urbano y ciertamente para el empoderamiento de esas compañeras.

Palabras claves: Mujeres campesinas; MST; Empoderamiento; Ferias locales; Canales cortos de comercialización.

## **LISTA DE FOTOGRAFIA**

Fotografia 1 - Feirantes do município de Passos Maia SC.....	33
Fotografia 2 - Encontro com o grupo de feirante. ....	35
Fotografia 3 - Encontro das Feirantes.....	38
Fotografia 4 - Produtos que são comercializados na Feira da Reforma Agrária.....	39
Fotografia 5 - Interação entre produtores e consumidores .....	47
Fotografia 6 - Diálogo entre produtores e consumidores .....	47

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Parâmetros do empoderamento feminino .....	19
Figura 2 - Tipologia da diversidade de circuitos curtos de alimentos no Brasil. ....	22
Figura 3 - Caracterização das propriedades que trabalham com circuitos curtos .....	23
Figura 4 - Mapa do município de Passos Maia SC .....	27

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 - Características gerais das feiras.....	26
Gráfico 1 - Principais produtos comercializados na Feira da Reforma Agrária .....	41
Gráfico 2 - Principais produtos comercializados na Feira da Reforma Agrária.....	38
Quadro 2 - Razões da participação das mulheres camponesas na Feira da Reforma Agrária..	42

## LISTA DE SIGLAS

CEASAs	Centrais de abastecimento
COOPETRASC	Cooperativa de Trabalhadores na Reforma Agrária de Santa Catarina
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MMA	Movimento de Mulheres Agricultoras
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
MST	Movimento dos Trabalhados Rurais Sem Terra

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	11
1.2 OBJETIVOS .....	11
<b>1.2.1 Objetivo geral.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>12</b>
<b>2. MULHERES CAMPONESAS E EMPODERAMENTO .....</b>	<b>12</b>
2.1 TRAJETÓRIAS DAS MULHERES CAMPONESAS .....	12
<b>2.1.1 Mulheres camponesas.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1.2 Empoderamento feminino .....</b>	<b>16</b>
2.2 MULHERES CAMPONESAS E OS MERCADOS ALTERNATIVOS .....	19
<b>2.2.1 Economia solidária e circuitos curtos de mercado .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2 Feira da Reforma Agrária para produtos da agricultura camponesa .....</b>	<b>24</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
3.1 LOCAL DE ESTUDO.....	27
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	28
3.3 COMPOSIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	29
3.4 COLETA DE DADOS .....	29
3.5 ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS .....	30
<b>4. JORNADA DAS MULHERES CAMPONESAS EM BUSCA DO EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA.....</b>	<b>30</b>
4.1 TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS FEIRANTES E SUAS CARACTERÍSTICAS	30
4.2 MULHERES CAMPONESAS, MEIOS DE ORGANIZAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO .....	33
4.3 FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA E AGROECOLOGIA E SEU PAPEL NO EMPODERAMENTO DAS MULHERES .....	37
4.4 AS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS E A RELAÇÃO CAMPO – CIDADE NA FEIRA .....	44

<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FEIRANTES .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO CONSUMIDORES .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO A – FOTOS DA FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA .....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O município Passos Maia, localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina, conta com 15 assentamentos com área total de 8.409,32 hectares. Estes assentamentos têm uma produção bastante diversificada e predomina o manejo agroecológico, quase sempre conduzido pelas mulheres.

Como os lotes de reforma agrária são pequenos, com aproximadamente 15 ha por família, e não geram renda suficiente para o sustento desta, muitos homens saem para trabalhar fora da unidade de produção. Assim, na maioria das vezes permanece a mulher para desenvolver todas as tarefas. Além de cuidar da casa e dos filhos, cultiva a terra com muitas dificuldades, mas com muito carinho. Pois mesmo desenvolvendo todas essas atividades, não é valorizada por grande parte da sociedade, e muitas vezes na própria esfera da agricultura camponesa. Mesmo sabendo que o trabalho das mulheres é de grande importância para o desenvolvimento do grupo familiar, do seu cuidado com a produção para subsistência e dos pequenos animais, essas atividades muitas vezes são vistas como atividades complementares.

Diante de todo esse cenário a mulher foi se vendo excluída de muitas atividades, principalmente no meio rural quando se tratava de grandes produções, já que são estas em sua maioria que geram maior renda monetária. Com isso as mulheres não podiam muitas vezes opinar e nem participar das decisões produtivas no campo, podendo apenas cultivar seus pequenos quintais.

Para contrapor às ideias capitalistas da Revolução Verde, que segundo Altieri (2004), tinha meta do aumento da produção e da produtividade das atividades agrícolas, assentando-se para isso no uso intensivo de insumos químicos, das variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, da irrigação e da motomecanização, surgiram outras formas de agriculturas, entre elas, a Agroecologia, a agricultura ecológica, a agricultura orgânica, a agricultura natural, as quais auxiliaram as famílias camponesas a organizar seus meios produtivos lutando diariamente pela produção e comercialização de alimentos saudáveis livres de agrotóxicos.

Surgiram, assim, meios de comercialização mais participativos, entre eles as Feiras de venda direta ao consumidor, as quais permitiram a construção de um espaço de interação social, de convivências e de troca de experiências entre o meio urbano e o meio rural. Além da oferta de alimentos sem agrotóxicos, esse processo tem destaque diante de outros meios de comercialização pelo fato da simplicidade e da interação direta entre produtores e consumidores e a valorização da mulher camponesa. Pois além de comercializarem produtos saudáveis cultivados por elas próprias, passaram a ser vistas pela sociedade como

trabalhadoras, tirando de muitos a ideia que o trabalho feminino não é trabalho produtivo.

Nesse sentido para elucidar o problema da invisibilidade das mulheres camponesas, diante as dificuldades que elas encontram para se inserir nos sistemas de produção e muitas vezes nos próprios meios de comercialização, a pesquisa procurou responder: “De que forma a feira da Reforma Agrária contribui no empoderamento das mulheres camponesas?”.

Dessa forma o estudo se dividiu em cinco partes, a primeira parte se faz presente a introdução, justificativa e objetivos, segunda parte ficou composta pela revisão bibliográfica, onde foram estudados alguns autores importantes relacionados aos temas a terceira parte pela metodologia onde foi descrito os meios utilizados para a construção desse estudo, a quarta parte buscou trazer os resultados e discussões do estudo e a quinta parte está localizada as considerações finais do presente estudo.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

Os camponeses e camponesas enfrentam hoje uma avalanche do agronegócio, que une forças para acabar com os saberes populares. Esse é um dos motivos que devemos estudar cada vez mais alternativas que nos ajude a conhecer e a utilizar esses saberes a nosso favor, buscando, assim, um melhor avanço na questão da permanência no campo, da comercialização de nossos produtos de base ecológica e, sem dúvida, avançar no debate de gênero na questão produtiva das áreas de reforma agrária, para que assim o trabalho da mulher seja visto e reconhecido como produtivo.

A partir disso surge uma ferramenta que talvez possa combater esse modelo de agronegócio que além de causar o êxodo rural veem as mulheres camponesas apenas como “ajuda” no campo. As Feiras da Reforma Agrária fazem este contraponto já que nesse meio de comercialização há todo um envolvimento familiar, mas quem geralmente se destaca na organização dos produtos, no preparo e comercialização é a mulher.

Este estudo se torna efetivamente relevante do ponto de vista social e familiar, para que as mulheres não se vejam alheias diante de diversos preconceitos vivenciados no dia a dia. Que as mulheres camponesas se vejam como agentes da organização familiar, da produção de alimentos saudáveis e da geração de renda nas unidades de produção. Com o desenvolvimento da Feira da Reforma Agrária as mulheres se verão como protagonistas desse meio de comercialização, auxiliando no seu empoderamento, que fará com que as famílias vejam alternativas para melhorar o modo de vida sem sair da unidade de produção.

### 1.2 OBJETIVOS

Abaixo serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos propostos nesse estudo.

### **1.2.1 Objetivo geral**

Analisar a Feira da Reforma Agrária de Passos Maia SC, como um espaço de empoderamento das mulheres camponesas.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Estudar a importância social do trabalho das mulheres camponesas na Feira da Reforma Agrária.
- Analisar a relação dos produtores e dos consumidores da Feira da Reforma Agrária como forma de aproximação do meio rural com o meio urbano.
- Compreender a organização das mulheres feirantes e sugerir ações visando sua melhoria.

## **2. MULHERES CAMPONESAS E EMPODERAMENTO**

Essa seção faz as revisões bibliográficas sobre os principais temas tratados nesse estudo, buscando compreender, assim, a Feira da Reforma Agrária como espaço de empoderamento das mulheres camponesas nesse município.

### **2.1 TRAJETÓRIAS DAS MULHERES CAMPONESAS**

Essa seção visa apresentar a trajetória das mulheres camponesas ao longo desses anos, como é vista a contribuição delas no meio rural e o que pode ser feito para desconstruir ideologias machistas sobre o papel da mulher camponesa no meio produtivo. Aqui também cabe estudar sobre empoderamento feminino e o que isso contribui para vida das companheiras.

#### **2.1.1 Mulheres camponesas**

Historicamente, a mulher tanto camponesa quanto urbana tem enfrentado diversos tipos de preconceitos. Teve seu papel definido e baseado no espaço doméstico e nas atividades do lar, tendo como atribuições realizar atividades relacionadas ao cuidado e educação dos filhos, preparo das refeições, limpeza e organização da casa. (PERON; DAMBROS; FONSECA, 2017).

Exemplo disso foi entre o ano de 1930 e 1940, com a preparação da segunda guerra mundial, a força do trabalho feminino foi altamente valorizada, pois era necessário liberar os

homens para as batalhas da época, porém com final da guerra com o retorno dos homens mais uma vez a força de trabalho masculino supervalorizava o trabalho e papel doméstico da mulher, como rainha do lar, mãe e esposa. (CINELLI; SANTOS, 2015).

Diante disso percebeu-se que a opressão feminina tem raízes “nas condições materiais de existência, na distribuição desigual de poder, no acesso diferenciado da propriedade, na valorização social desigual e no não reconhecimento dos saberes das mulheres”. (PERON; DAMBROS; FONSECA, 2017, p.112).

Porém, a descoberta da agricultura pelas mulheres desde seus primórdios tem mostrado a sua grande importância tanto para o meio rural como também urbano. Isto porque a atividade de cultivar a terra era um atributo quase sempre feminino, que ia desde o plantio das sementes até o conhecimento popular transmitido às outras pessoas.

Para Butto e Hora (2010, p. 21) apesar dessas evidências, “as desigualdades entre os homens e as mulheres persistem no meio rural de forma naturalizada e estruturada sob relação de poder e em bases econômicas”.

No Brasil, as mulheres somente tiveram direito a terra e ao desenvolvimento rural a partir dos anos 1980, através da luta das mulheres rurais pela igualdade. Porém, muitos órgãos na época não consideraram a situação dessas camponesas e mantiveram a noção de que a família era a referência da unidade de produção, família essa muitas vezes sendo representado apenas pelo homem da casa, o que nos mostra que nos dias atuais muitas mulheres trabalhadoras rurais ainda não foram reconhecidas pelo Estado e pela sociedade como agricultoras familiares e assentadas pela reforma agrária. (BUTTO; HORA, 2010).

Por conta desse não reconhecimento, muitas práticas pertencentes as mulheres foram sendo substituída, por saberes científicos, o que teve um aumento na desvalorização, mesmo sendo elas as responsáveis pela produção de autoconsumo no campo na maioria das vezes.

Compreendemos que a desvalorização da produção do autoconsumo faz parte de uma realidade bastante recorrente no espaço do campo, entretanto, defendemos que precisa ser continuamente problematizada, pois reflete uma desigualdade de oportunidades que acaba dificultando a vida e, sobretudo, o reconhecimento do trabalho feminino, o principal responsável por essa produção. (BONI et al., 2017, p. 16).

Isso porque com o avanço do agronegócio e da revolução verde, com suas tecnologias modernas e venenos, gerou uma grande pressão sobre essa realidade. Muitas famílias perderam suas terras pelo uso intensivo dessas tecnologias, que provocou, sem dúvida, a exclusão de muitas mulheres camponesas dos meios de produção que faziam parte, deixando assim de opinar sobre o que produzir, onde vender, perdendo poder econômico e também

político, por conta dessas mudanças na questão produtiva, e muitas vezes pela própria divisão do trabalho.

Na maioria das comunidades rurais há uma divisão muito grande do trabalho, divisão essa que não é feita de forma igualitária. Ocorrendo assim a chamada divisão sexual do trabalho, onde as mulheres ficam responsáveis pelos pequenos quintais produtivos que geram culturas para subsistência e também pelos afazeres domésticos, e os homens ficam com o trabalho gerador de renda monetária, onde apenas esses são considerados produtivos, sustentando, assim, a ideia de a mulher apenas representar uma ajuda no campo. (BUTTO; HORA, 2010).

De acordo com Boni et al. (2017) faz-se necessário entender como se dá a vida da mulher no meio produtivo rural, sua participação em vários processos, pois isso nos permite avançar na conquista de direitos e maior participação nas decisões que envolvem todo o espaço de produção, comercialização e participação na política.

Diante da situação de desigualdade e discriminação da mulher nasceu movimentos sociais que contribuíram para essas lutas acontecerem. Um desses movimentos é o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA) criado em 1983, que proporcionou um grande salto na emancipação da mulher agricultora onde as mesmas saíram de casa para participar de reuniões de seu interesse sem se deixar abalar pelo machismo existente na época. Em 2004 cria-se o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), fazendo com que a luta se multiplicasse cada vez mais. (BONI et al., 2017).

Fruto dessas lutas, em 1988, houve uma grande transformação vivida pelas mulheres no meio rural, em relação à Constituição Federal que permitia às companheiras o acesso a terra. (MELLO; SABATTO, 2010), o que nos mostra que [...] a luta e organização das mulheres camponesas tem acompanhado o processo de mobilização mais ampla pela universalização de direitos (ANDRIOLLI, 2017, p. 13).

Ainda segundo o autor as mulheres camponesas são capazes de produzir a crítica ecológica mais radical, modificando as relações sociais de produção para que o desenvolvimento das forças produtivas (natureza, capital e trabalho) permita um futuro possível à humanidade.

Vemos aqui um dos grandes problemas enfrentados no campo hoje que vem, certamente, causando más interpretações sobre a trajetória das mulheres rurais. A dificuldade de entender a vida dessas companheiras faz que elas sejam vistas meramente como “ajuda” no campo. Por esse motivo Siliprandi (2015), ressalta como é importante resgatar a capacidade das mulheres, em diferentes épocas históricas, de se constituírem como sujeitos políticos,

engendrando teorias e lutas emancipatórias, pois, são nesses processos que essas companheiras passam a ser identificadas como estando mais próximas da natureza, as mulheres passam a ser reconhecidas como seres humanos participantes. Passou-se, então, a se ter a necessidade das mulheres participarem mais intensamente do mundo público e ter suas atividades produtivas valorizadas.

Pois conforme Butto e Hora (2010, p. 27), “[...] desenvolver políticas públicas para as mulheres no contexto rural implica reconhecer as desigualdades de gênero e adotar uma estratégia de superação dos principais entraves à conquista de sua autonomia [...]”. De acordo com Siliprandi (2015), nessa perspectiva, uma das principais saídas é a Agroecologia<sup>1</sup>, trazendo novidades como a afirmação do protagonismo dos agricultores e agricultoras camponesas, em uma perspectiva transdisciplinar, incluindo o diálogo de saberes entre os conhecimentos científicos e saberes populares. Este protagonismo dos agricultores:

[...] será central no pensamento agroecológico, basicamente, em três aspectos: na construção de suas propostas técnicas, por conta da capacidade da agricultura camponesa de coevoluir respeitando os processos ecológicos; por sua premissa de que o desenvolvimento rural só poderá ser sustentável se for baseado no modo de produção camponês; e pelo reconhecimento da necessidade de promover o empoderamento desse grupo social, que foi marginalizado econômico, social, política e culturalmente ao longo da história da humanidade. (SILIPRANDI, 2015, p. 87).

Portanto, a Agroecologia busca recuperar o papel do campesinato<sup>2</sup> na história, produzir de forma sustentável e sem agressão ao meio ambiente e mostrar saídas para os pequenos camponeses permanecerem em suas bases e certamente contribui na valorização da mulher.

De acordo com Boni et al. (2017), a Agroecologia vem ganhando espaço e destaque no debate acerca do desenvolvimento rural e, juntamente com isso, as mulheres vem buscando seu espaço nesse debate. A Agroecologia para as mulheres camponesas vai além da produção

---

<sup>1</sup>Agroecologia segundo Altieri (2004, p. 23), trata-se de “uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam”.

<sup>2</sup>O campesinato é aqui entendido como uma forma de manejo da natureza que na de coevolução social e ecológica gerou cosmovisões específicas (quer dizer uma forma de vida resultada de uma interpretação da relação homem-natureza que estabelece a articulação de elementos para o uso múltiplo da natureza) mediante aos quais desenvolve processos de produção e reprodução sociais, culturais e econômicos sustentáveis ao manter as bases bióticas e identidades implicadas no mesmo. (SEVILLA GUZMÁN, 2000 apud CARVALHO, 2004, p. 142).

sem agrotóxicos, sementes geneticamente modificadas e até mesmo adubos químicos. A Agroecologia seria o meio que mais possibilita a relação com a natureza, respeitando além da natureza a própria vida humana. Ainda conforme Boni et al. (2017, p. 23):

A produção agroecológica é entendida pelas mulheres em seu aspecto mais amplo. Ela é responsável por uma melhor condição de trabalho, ao eliminar da produção elementos prejudiciais à saúde, como os agrotóxicos. Mas também é um resgate de valores com a própria natureza ao contribuir para a sua preservação e, como consequência, garantir acesso a alimentos livres de venenos para os consumidores.

Assim, a presença das mulheres camponesas rurais na produção agrícola é extremamente importante, mesmo que muitas vezes na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando a terra, cultivando-a, plantando e colhendo diversas culturas com o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho, por vezes desvalorizado por grande parte da sociedade. Presentes na casa, nos quintais produtivos, na roça e na luta pela terra, essas companheiras lutam diariamente pelos seus direitos e por serem reconhecidas como trabalhadoras. (MARQUES, 2017). E por esse motivo que no próximo tema será abordado questões de grandes conquistas alcançadas pelas mulheres e o que contribui certamente para levar ao empoderamento.

### **2.1.2 Empoderamento feminino**

É sabido que as mulheres cada vez mais vêm lutando e conquistando seus direitos, conforme Cinelli e Santos (2015), o 8 de março como sendo o dia Internacional da Mulher, vem ao longo da história marcado de muitas lutas, onde em vários países ficaram marcadas diversas mobilizações.

Ainda segundo a autora a luta pelo direito ao voto para todos (as), marcou a luta da classe trabalhadora, e essa por sua vez se espalhou por todo o século XX, na Inglaterra o direito ao voto às mulher foi conquistado em 1928. Porém, no Brasil a luta pelo direito ao voto não atingiu um movimentos de massas como em outros países, o que fez que somente em 1932, anunciado pelo então presidente Getúlio Vargas o direito ao voto às mulheres. Mesmo após a conquista do direito ao voto e a conquista de se inserir em meios políticos, podendo votar e ser votada, as mulheres continuam vivendo diversas formas de preconceitos e opressões.

A opressão feminina sem duvidas está ligada diretamente à distribuição desigual do poder, mas que mesmo assim seguem lutando a cada dia. A trajetória de luta das mulheres camponesas seja nos movimentos agroecológicos ou em suas organizações por dentro das associações rurais para conquistar seus direitos já ultrapassa décadas. Portanto, identificar o

empoderamento dessas mulheres é uma atividade de extrema importância. (SIQUEIRA, 2014). Nos anos 80, a perspectiva “Mulher e Desenvolvimento” introduziu o enfoque de gênero que reforçava a definição da condição feminina de uma forma mais dinâmica, avaliando a quantidade e a qualidade das mudanças que as mulheres vivenciaram no decorrer das transformações da agricultura nas últimas décadas. (MELO; CAPPELLIN; CASTRO, 2010).

Ainda segundo, Melo; Cappellin e Castro (2010, p. 85), descrevem que:

A utilização do conceito de gênero envolve também o estudo das implicações das diferenças entre os papéis econômico/social das mulheres e dos homens permitindo a superação da desvalorização atribuída aos trabalhos realizados pelas mulheres. Nessa orientação o interesse é resgatar o conjunto diversificado dos papéis desempenhados pelas mulheres, considerando-as como agentes/atrizes e não exclusivamente como indivíduos beneficiários no interior homogêneo dos núcleos familiares ou invisíveis no interior da população.

Com a entrada do conceito de gênero na sociedade, disseminou ainda mais a discussão sobre o termo de empoderamento, que para os movimentos sociais e movimento das mulheres surge da segunda onda do feminismo, que começou nos anos sessenta, onde na época tinham as mulheres como invisíveis. (LÉON, 2001).

Para Siqueira (2014), no paradigma do desenvolvimento humano, o princípio de empoderamento é o que diferencia dos outros tipos de desenvolvimento, já que os homens e as mulheres estão em posição de exercer sua capacidade de escolher de acordo com suas ideias, seus desejos e de decidir sobre suas vidas. Ainda segundo a autora, nessa perspectiva o empoderamento é visto como estreitamente relacionado à participação e a vários processos.

Para Brumer e Anjos (2010), os assentamentos são um espaço privilegiado nas discussões sobre empoderamento, pois na medida em que esses espaços estão ligados a mobilizações, organizações e experiências, eles também estão próximos aos processos similares àqueles que constituem a própria noção de empoderamento.

Segundo Cordeiro (2006 apud BRUMER; ANJOS, 2010, p. 220), a noção de empoderamento foi desenvolvida visando descrever “a alteração radical dos processos e estruturas” que garantem a subordinação feminina, ou como “processo de transformação social”, base de visões alternativas ligadas às mudanças nas próprias vidas das mulheres, exigindo espaços democráticos e participativos e a organização de mulheres.

Para Léon (2001, p. 96), “empoderamento é um conceito usado como um substituto para integração, participação, autonomia, identidade, desenvolvimento e planejamento”.

Diante dessas várias definições o empoderamento pode ser percebido em várias dimensões, assim Brumer e Anjos (2010, p. 221), discutem a percepção do empoderamento

em quatro dimensões que são econômica, pessoal, social e política.

[...] na dimensão econômica, consideram-se perspectivas de aumento da renda, da quantidade nutricional dos alimentos e da qualidade de vida da família assim como o controle das mulheres sobre os resultados econômicos de seu trabalho. A dimensão pessoal compreende o aumento da autoestima e da autoconfiança. Já nas dimensões sociais e políticas, focaliza-se a capacidade das mulheres de mudar e questionar sua submissão em todas as instâncias em que ela se manifesta, assim como a ampliação de sua participação em instâncias de poder.

Já para Siqueira (2014, p. 40), o empoderamento pode ser visto também em uma perspectiva feminista, na qual descreve que o empoderamento das mulheres é:

[...] entendido como o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação, implicando, portanto, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal<sup>3</sup>. Neste sentido, o objetivo maior de ações voltadas para o empoderamento das mulheres é propiciar as condições para que elas possam questionar, desestabilizar e se organizar com vistas à erradicação da ordem patriarcal vigente.

Para a mesma autora o empoderamento é um processo de luta que precisa urgentemente ser desencadeado por forças externas, para que desse modo às mulheres possam reconhecer muitas estruturas que as oprimem, assim, podendo certamente desenvolver sua consciência crítica. No caso das mulheres camponesas um desafio grande é desnaturalizar a dominação masculina, para que assim desperte uma consciência em relação à discriminação e desigualdade entre homens e mulheres. Torna-se importante reconhecer a existência desta desigualdade no seu cotidiano, ficar incomodada e indignada com esta situação e querer mudá-la na sua vida e na das outras mulheres. Pois, para a autora, as participações das mulheres camponesas em diversas atividades e as capacitações em várias temáticas organizativas e produtivas constituem ferramentas necessárias para o empoderamento dessas companheiras (SIQUEIRA, 2014). Fernandes (2015, p. 129), descreve resumidamente níveis que definem ou sintetizam o empoderamento.

[...] entre eles estão: a) bem-estar: satisfação das necessidades básicas; b) acesso igual à terra, ao trabalho, ao crédito e às oportunidades; c) conscientização: compreensão das diferenças entre os sexos e gêneros e seus questionamentos que orientam a construção social e cultural dos sexos; concepção igualitária e equiparada do tempo e do trabalho realizado por homens e mulheres; d) participação: igual entre homens e mulheres em todos os processos de decisão comunitária ou familiar; e) controle: participar das riquezas e controla-las, de modo igual às riquezas e aos benefícios concedidos aos homens.

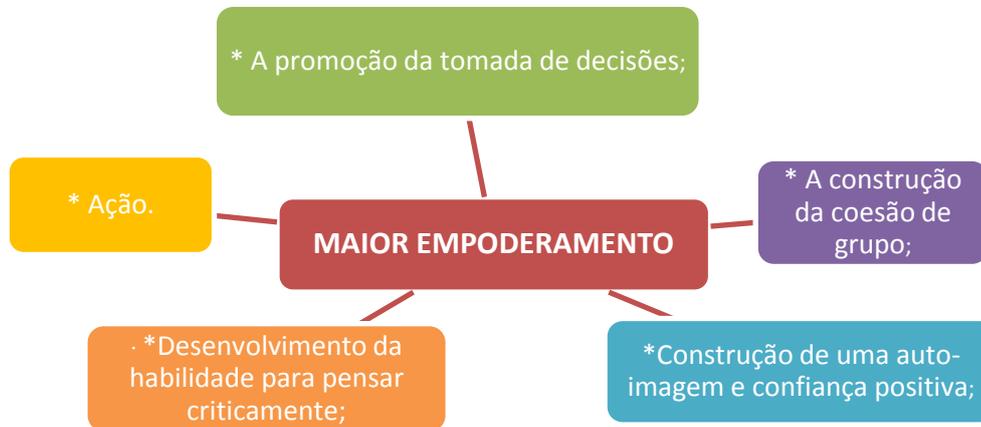
Levando em consideração o que foi dito acima com a junção de outros elementos, desenvolveu-se uma figura que está exposta a abaixo adaptado de Stromquist ([199?] apud

---

<sup>3</sup> O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Estabelece-se como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres, as quais tornam-se seus objetos de satisfação sexual e reprodutoras de seus herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. (CUNHA, 2014, p. 06).

COSTA, 2012, p. 7), onde a autora descreve os parâmetros do empoderamento sendo:

Figura 1-Parâmetros do empoderamento feminino



Fonte: Adaptado de Stromquist ([199?] apud COSTA, 2012, p. 7).

Não há dúvida sobre a importância da participação mulheres tanto em um âmbito político quanto prático, para planejar novas lutas, para colaborar com a construção de uma sociedade justa, em que todas as pessoas sejam respeitadas e vistas (PERON; DAMBROS; FONSECA, 2017, p. 111). O empoderamento, portanto, é entendido como um processo de superação da desigualdade de gênero (LÉON, 2001). Sendo assim as mulheres devem estar cada vez mais organizadas, e engajadas em diversas atividades, entre elas as questões que envolvam mercados, pois isso contribui muito para o empoderamento dessas camponesas, portanto no tema a seguir fará uma revisão sobre esse assunto.

## 2.2 MULHERES CAMPONESAS E OS MERCADOS ALTERNATIVOS

Nessa parte da revisão cabe apresentar as experiências das mulheres camponesas e seu envolvimento com os mercados alternativos, contribuição na economia solidária e a comercialização por meio dos circuitos curtos de mercado envolvendo as feiras e os produtos da reforma agrária.

### 2.2.1 Economia solidária e circuitos curtos de mercado

Por muito tempo o capitalismo vem se desenvolvendo e se disseminando por todos os lugares do mundo, a dominação do capitalismo sobre os meios de produção cresce a toda hora. Os camponeses estão sendo expulsos de suas terras por terem em suas bases históricas a ideia de uma economia mais solidária.

A globalização agroalimentar está despertando um crescente desconforto alimentar por parte da cidadania, gerando a crise econômica das atividades agrícolas e pecuárias tradicionais (MONTIEL; COLLADO, 2010, p. 259). Porém a formas que possam contribuir para o não avanço dessas crises econômicas, entre elas a economia solidária, que segundo Flach, (2015), é um novo meio de organização econômica, a partir de um modo de trabalho coletivo, uma forma nova de produzir, vender, comprar e trocar o que é necessário para sobrevivência.

Segundo Singer (2002), a economia solidária é um modo de produção, onde os princípios básicos se dão na propriedade coletiva ou associada do capital e o direito é individual de cada pessoa, resultando em igualdade e solidariedade entre as pessoas.

Por meio destes princípios, é possível construir uma nova prática social que tem na cooperação a proposta de viabilidade das pequenas economias, discutindo sempre um comércio justo e solidário (UNICAFES, 2013).

Pois, conforme cresce o capitalismo, cresce também a competitividade entre a economia de mercado, cada produto tende a ser comercializado em numerosos locais, como cada emprego deve ser disputado por diversos pretendentes e cada vaga da universidade deve ser disputada por diversos vestibulandos, e dessa forma que a economia convencional vai se sustentando (SINGER, 2002).

Pois sabemos que os camponeses desde sua essência desenvolvem práticas de comercialização que pode contrapor essa ideia de competitividade da comercialização de muitos produtos criada pelo capital, nesse contexto surgem os mercados locais, que segundo Ploeg (2016), os mercados são locais, através das quais, bens e serviços são trocados, nesses espaços a uma grande conexão entre produtores e consumidores, podendo ser direta ou indireta que às vezes ocorrem de maneiras simples ou altamente complexas.

Já para Schneider (2016), os mercados fazem parte de um grande processo social seja ele de produção seja de reprodução das atividades econômicas e das unidades familiares, esses por sua vez influenciam muito a vida das pessoas, seus valores e sua cultura, Darolt (2013, p. 139), descreve a importância de reinventar os mercados locais, aproximar produtores e consumidores, e estimular a compra de alimentos de base ecológica, em circuitos curtos de comercialização. Segundo o autor, estes são alguns desafios para se criar um modelo de consumo alimentar ecologicamente correto.

Para Ploeg (2016), o mercado dos agricultores é um mercado sociomaterial, o qual possibilita os produtores e consumidores um amplo diálogo que quase sempre se dá de forma direta, que nos mercados convencionais é extremamente impossível.

Conforme Darolt (2013), a comercialização de produtos locais por meios diretos é

uma herança milenar que vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Essa transformação aumentou ainda mais a partir do século XX, com a revolução verde, por meio da intensificação e especialização agrícola, fazendo com que em muitos países os agricultores trabalhassem prioritariamente para abastecer as grandes redes agroindustriais. Assim segundo Montiel e Collado (2010), os limites da produção ecológica como alternativa para áreas rurais aparecem em conexão direta com os canais de comercialização, pois para eles esses canais são definidos de forma difusa como as inter-relações entre atores que estão diretamente envolvidos na produção, transformação, distribuição e consumo de novos alimentos.

No Brasil não se tem uma definição para circuito curto (CC), porém, alguns representantes do sistema alimentar francês caracterizaram o termo como sendo um circuito de distribuição que mobilize até, no máximo, um intermediário entre o produtor e os consumidores (DAROLT, 2013).

Segundo Ploeg et al. (2000 apud MONTIEL; COLLADO, 2010, p. 263), a rearticulação da produção e do baixo consumo gera critérios de proximidade, confiança e sustentabilidade através de canais curtos de comercialização, se tornando assim peça fundamental para agricultores familiares e, portanto, para o desenvolvimento rural. Na figura 2 podemos identificar a diversidade dos circuitos curtos existentes no Brasil.

Figura 2- Tipologia da diversidade de circuitos curtos de alimentos no Brasil



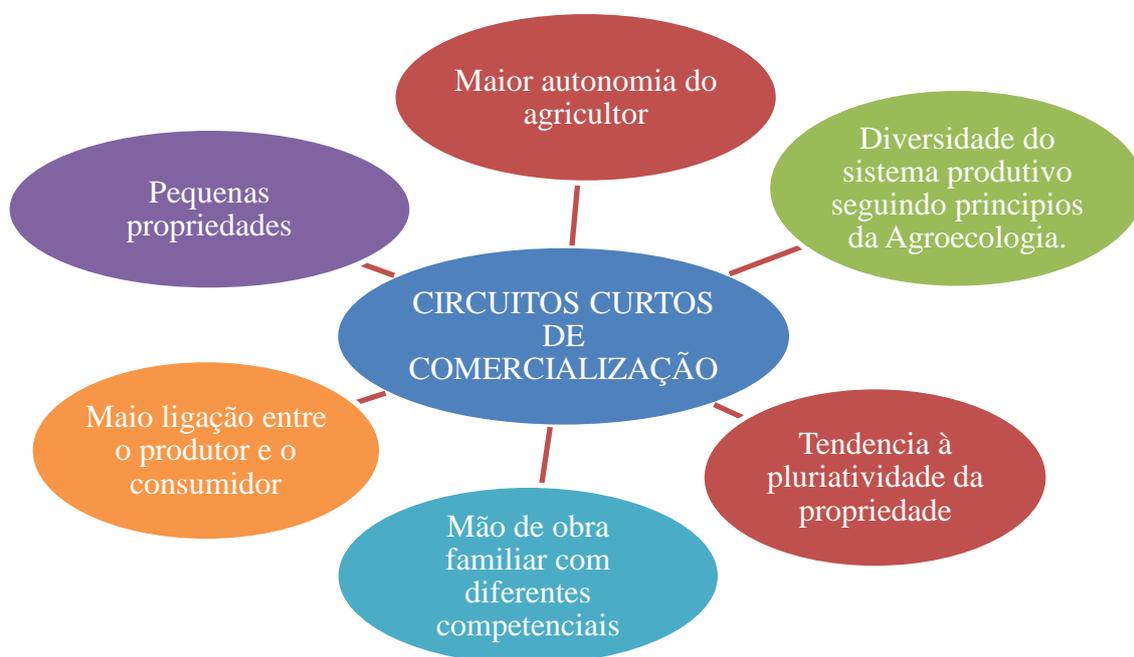
Fonte: Adaptado de Darolt (2013).

Vendo as tipologias dos circuitos curtos, tanto na venda direta como na indireta, podemos observar grandes benefícios, entre eles a autonomia do agricultor.

[...] a agricultura ecológica e circuitos curtos têm impactos positivos em diferentes dimensões como na economia local, trazendo oportunidades de trabalho e de renda; na dimensão social com a aproximação de produtores e consumidores; e na dimensão ambiental, com valorização da paisagem e dos recursos naturais (DAROLT, 2013, p. 150).

Já na figura 3, podemos entender as principais características das propriedades que comercializam em circuitos curtos.

Figura 3- Caracterização das propriedades que trabalham com circuitos curtos.



Fonte: Adaptado de Darolt (2013).

Levando em consideração as características acima percebemos que se pode trabalhar com uma associação entre a economia solidária e os circuitos curtos de comercialização, através das nossas associações, cooperativas, da venda de porta-a-porta e, sem dúvida, por meio da cooperação e coletividade entre as pessoas. De acordo com Singer (2002, p. 09), “para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva”.

Tornar-se-ia fácil de aproximar o meio rural com o meio urbano, impulsionando a comercialização da produção ecológica que está presente nos assentamentos da reforma agrária, redirecionando as atividades produtivas dessas áreas, para serem mais sustentáveis e para, assim, redesenhar os sistemas produtivos sob princípios agroecológicos (DAROLT, 2013).

Ainda segundo o autor esse modo de comercialização aproxima cada vez mais os produtores dos consumidores, ao vender algum produto localmente os produtores melhoram sua renda e continuam com autonomia para decidir o que irão produzir como irão produzir e para quem irão vender. Já os consumidores apoiam cada vez mais a economia local e a produção camponesa. Pois quem decide trabalhar nesse meio de comercialização opta, sem dúvida, por trabalhar com uma economia muito mais solidária. Segundo Darolt (2013, p.

162), os circuitos curtos:

[...] requerem proximidade geográfica, participação ativa do consumidor e, quando necessário, apenas um intermediário conhecedor do processo. Além disso, a compra em circuitos curtos reduz o impacto ambiental, além de permitir um preço mais justo à mercadoria.

No Brasil, à maioria das propriedades que trabalha com circuitos curtos, trabalha em sistemas agroecológicos, atendendo uma vasta diversidade de alimentos, trabalhando simultaneamente com sistemas vegetais e animais, o que torna o processo muito mais amplo, e mais interessante por seguir em sua grande maioria os princípios agroecológicos (DAROLT, 2013).

Para isso procura-se desenvolver processos que ajudem cada vez mais o desenvolvimento rural dos camponeses, voltado principalmente em um sistema agroalimentar alternativo, valorizando os mercados locais e regionais, tendo como base de sustentação os circuitos de proximidade de comercialização e também a valorização do saber popular camponês (CASSARINO; FERREIRA, 2013).

Portanto, segundo Darolt (2013), a compra em circuitos curtos é uma forma de fugir da padronização imposta pelo sistema agroalimentar industrial que uniformiza modos de vida e direciona o consumo.

Dessa forma os circuitos curtos interligado com uma economia mais solidaria, contribuem para a comercialização dos produtos de origem camponesa, especialmente em espaços de feiras as quais que serão descritas no tema abaixo.

### **2.2.2 Feira da Reforma Agrária para produtos da agricultura camponesa**

“Historicamente, o modo de produção capitalista se preocupou em fechar as cadeias produtivas, desde sua produção, escoamento, comercialização até o consumo, forçando os camponeses a produzirem apenas interesses do mercado monopolizado” (TRÉS, 2016, p. 75).

O debate acerca da questão agroalimentar no Brasil vem gerando grandes discussões, desde a modernização da agricultura, que ocorreu na metade do século XX, com a chamada revolução verde. A partir daí, criaram-se inúmeros meios de comercialização para diferentes produtos agrícolas, onde também ocorreram grandes mudanças na questão econômica e social na vida de muitos camponeses.

Os camponeses que têm em suas vertentes históricas, a comercialização de seus produtos por meios diretos, continuam com seus processos de comercialização em feiras e em outros espaços, mesmo que quase esmagados pelo capital, pois as experiências com feiras são fruto de um processo de formação, de atividades e de lutas para construir alternativas para

combater o modelo predominante de agricultura que é o agronegócio (APARECIDA et al., 2016, p. 83). Segundo Niederle e Almeida (2013, p. 28), dentre os mercados que tem maior pujança no processo de reconfiguração dos territórios são:

[...] aqueles que principalmente são associados à produção de alimentos orgânicos ou agroecológico, trata-se, na realidade de uma vasta gama de canais de comercialização que englobam desde pequenas redes varejistas atraídas pela ampliação da demanda por produtos orgânicos até circuitos locais ancorados em um processo de revalorização do vínculo direto entre produtores e consumidores (caso emblemático das feiras de produtos agroecológicos).

As feiras em geral, e agora inclusas nesse processo as Feiras da Reforma Agrária, são os mais antigos espaços de comercialização. Existem tanto nos pequenos municípios, onde na maioria das vezes quem comercializa seus próprios produtos são famílias oriundas da agricultura familiar, como em grandes centros urbanos, onde feirantes acabam sendo substituídos por comerciantes que adquirem produtos das Centrais de abastecimento. (CEASAs), para comercializá-los nesses espaços de comercialização. (BADUE; GOMES, 2011).

Ainda conforme o autor a feira é uma das alternativas para se fortalecer a produção familiar, através da comercialização direta ao consumidor.

Para Godoy e Anjos (2007, p. 1), as feiras livres “são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com a sua relevância e magnitude peculiar”. Ainda conforme os autores, as feiras vêm desempenhando um papel muito importante na consolidação entre a econômica e social, especialmente da agricultura familiar, sob o ponto de vista do feirante, representando, assim, um espaço público, socioeconômico e cultural, extremamente dinâmico e diversificado sob o ponto de vista do consumidor.

Nesse meio de comercialização os produtores e consumidores se organizam em formas de redes ou teias operando sempre em circuitos curtos. Segundo Godoy e Anjos (2007, p. 2), as feiras se constituem:

[...] de uma intrincada teia de relações que configuram um diversificado conjunto de ocupações, fluxos, mercadorias e relações sociais, caracterizados e primordialmente como uma atividade de trabalho informal essencialmente familiar, onde os envolvidos na operacionalização são geralmente membros da família, gerando por sua vez uma grande demanda de serviços diretos e indiretos como transporte, insumos, embalagens e atendentes.

Sem contar na troca de experiências entre as pessoas que passam por esses espaços. Nesse sentido, Darolt (2013) diz que esses meios de comercialização, além de aproximar a comunidade rural da comunidade urbana, impulsiona a comercialização da produção de base ecológica, o que ajuda a direcionar os agricultores em optarem por formas de produção cada

vez mais sustentáveis.

O quadro 1 mostra o tipo de venda, definição e características das feiras como sendo um dos principais circuitos curtos de comercialização de produtos ecológicos.

Quadro 1- Características gerais das feiras

TIPO DE VENDA		DEFINIÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Venda Direta	Feiras do produtor	A feira ecológica vende somente produtos do produtor de uma forma direta ao consumidor. A presença do produtor ou um representante da família é uma exigência. Normalmente não é permitida a presença de atravessadores.	As feiras são administradas por, associações de produtores e de consumidores, e instituições de apoio à agricultura ecológica, e valorização os produtos regionais. É um espaço social, cultural e educativo. Traz a diversidade, resgata valores, crenças, possibilita a troca de experiências alimentos saudáveis.

Fonte: Adaptado de Darolt (2013).

Por tanto, segundo Godoy e Anjos (2007, p. 1) percebem-se que:

[...] ainda hoje que as feiras livres têm desempenhado um papel muito importante na consolidação econômica e social, especialmente da agricultura familiar sob o ponto de vista do feirante, representando também um espaço público, socioeconômico e cultural, extremamente dinâmico e diversificado sob o ponto de vista do consumidor. Apesar da importância socioeconômica das feiras livres, raros são os trabalhos de pesquisa nesta área, e quando existem na maioria das vezes possuem um caráter estritamente mercadológico, perdendo de vista os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais.

Ainda conforme, Godoy e Anjos (2007, p. 03), esse meio de comercialização tem características particulares de interação, pois, além de fazer com que haja uma aproximação e troca de experiências entre o meio rural e urbano, faz com que as pessoas da cidade se aproximem da realidade camponesa.

Sendo assim a feira torna-se um espaço de conhecimento para os agricultores aumentarem e disseminarem suas experiências, o que seria impossível acontecer se fossem utilizados canais de comercialização mais individuais.

### 3. METODOLOGIA

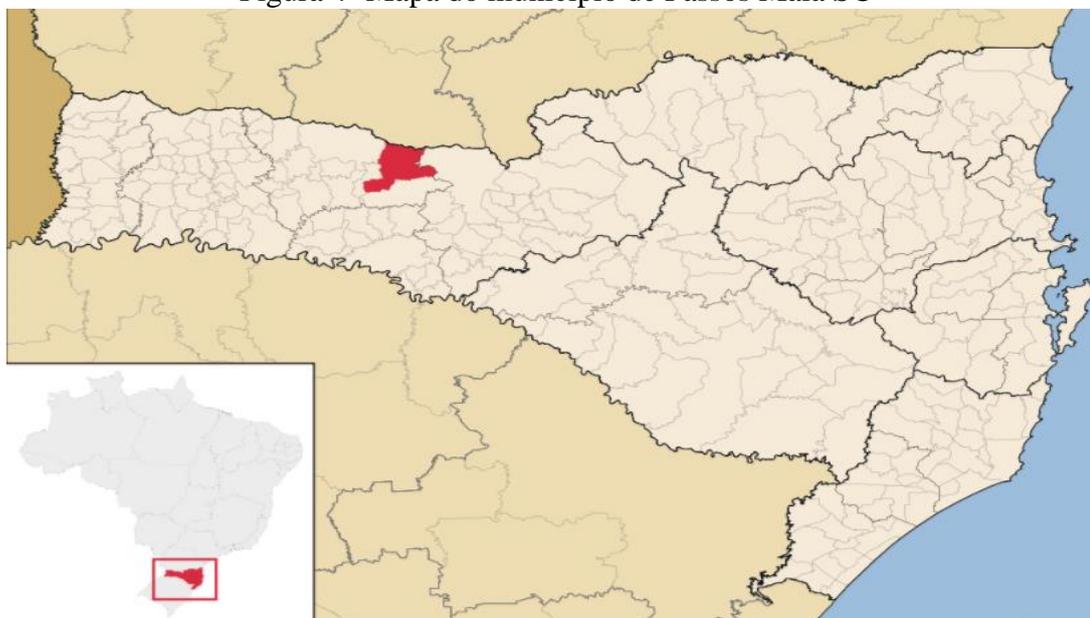
Nessa seção apresentaremos a metodologia adotada para o estudo, caracterizando assim a pesquisa, como se deu a escolha das pessoas que nela contribuíram e, posteriormente, como foi realizada a coleta dos dados e suas sistematizações. Antes, porém se faz presente

uma contextualização do local de estudo.

### 3.1 LOCAL DE ESTUDO

Passos Maia localiza-se na Região Oeste de Santa Catarina, tendo como limites ao norte o município de Palmas já no estado do Paraná, ao sul o município de Ponte Serrada SC, a leste o município de Água Doce SC e a oeste os municípios de Vargeão SC e Abelardo Luz SC. Possui uma área territorial de 619.156 km<sup>2</sup> e está a uma distância de 467 km da capital. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a população se constitui de 4.425 habitantes sendo que desse total 2.241 são homens e 2.184 mulheres. Na figura 4 podemos observar onde o município se localiza dentro do estado.

Figura 4- Mapa do município de Passos Maia SC



Fonte: Wikipédia, 2018.

De acordo com Tomazelli (2016), posterior à colonização, ocorreu à transformação das terras onde atualmente está localizado o município de Passos Maia, em grandes fazendas. Destas algumas intensificaram a pecuária e em outras foram desapropriadas e destinadas para a reforma agrária, que é onde estão localizados os assentamentos onde vivem as mulheres entrevistadas neste trabalho.

O Brasil por ser um dos países com maior desigualdade social sempre teve como desafio os problemas sociais, assim surgindo diversos movimentos sociais e dentre eles o Movimento dos Trabalhados Rurais Sem Terra (MST). O MST é considerado o maior movimento social da América Latina, e tem como principal objetivo a reforma agrária e a luta

pelo direito a terra aos trabalhadores rurais.

Por consequência das mobilizações da época em 1988 as primeiras 12 famílias conquistam a terra no município de Passos Maia, então distrito de Ponte Serrada. Estas famílias eram oriundas de uma ocupação de terra na localidade da Fazenda Sapateiro, a qual deu origem ao primeiro assentamento do município. Mas foi em 1990 que foi desapropriada a primeira área de terra destinada a assentamentos juntamente com participação do MST.

No entanto, a maior ocupação de terras no município ocorreu no ano de 1995, onde mais de 900 famílias organizadas pelo MST ocuparam a antiga Fazenda Ameixeira. Esta ocupação caracterizou-se por reunir famílias oriundas de 32 municípios do Estado de Santa Catarina (TOMAZELLI, 2016).

De acordo com o Instituto nacional de colonização e reforma agrária (INCRA, 2017), com muitas lutas e ocupações, atualmente no município foram conquistados 15 assentamentos de reforma agrária com 395 famílias assentadas em uma área de 8.409,32 ha.

No município a atividade agrícola é a que imprime a dinâmica produtiva, e os assentamentos se caracterizam por terem uma produção diversificada baseada na produção de grãos, pecuária, reflorestamento e indústria. Na produção de grãos se destaca o milho, soja, feijão e outras culturas para a subsistência. Na pecuária tem destaque para bovinocultura de leite e corte, suínos e avicultura. No extrativismo o município tem destaque na extração da erva-mate, sendo considerada uma atividade econômica bastante importante. No reflorestamento o destaque é o pinus e o eucalipto e, por fim, na indústria a questão madeireira tem uma grande importância na economia local.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Com base nos procedimentos técnicos a pesquisa foi classificada como sendo um estudo de caso, para compreender melhor processos que acontecem na sociedade.

De acordo com Gil (2002, p. 54), o estudo de caso “[...] consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento[...]”.

O estudo de caso permite um estudo mais abrangente em relação a eventos da vida real, tais como ciclos de vida individuais, e processos organizativos (YIN, 2001)

“A metodologia utilizada foi em um âmbito exploratório com objetivo do aprimoramento das ideias, seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 42).

O qual permite maior ligação com o tema, a Feira da Reforma Agrária no município de Passos Maia (SC) como alternativa de empoderamento para as mulheres camponesas.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, onde segundo Gerhardt (2009, p. 31), é uma pesquisa que não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

### 3.3 COMPOSIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A escolha da composição das participantes da pesquisa se deu pela proximidade da realidade das feiras. Sabendo que há um grupo de 10 mulheres feirantes, sendo todas assentadas pela reforma agrária, foram escolhidas quatro companheiras que mais estão envolvidas nesse processo e que, por isso, são as principais lideranças participantes das feiras no município em estudo.

A escolha dessas quatro companheiras se deve a dificuldade que a maioria tem em participar continuamente desse espaço, sendo assim são essas quatro companheiras as que tem maior envolvimento nesse processo.

Foram ainda realizadas entrevistas semiestruturadas com dois consumidores aleatórios da área urbana que frequentam a Feira da Reforma Agrária do município de Passos Maia, pra identificar a importância da feira nessa realidade.

### 3.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu entre o dia 10 de janeiro de 2018 até o dia 02 de fevereiro de 2018.

Para identificar a percepção das feirantes acerca do tema em estudo, desenvolveu-se um questionário semiestruturado, o qual se dividiu em cinco grandes temas, o primeiro procurou entender o contexto histórico da família diante MST (vide subitem 4.1). Segundo, buscou identificar se havia relação entre o campo e a cidade nesses nos espaços da feira (vide subitem 4.4), em terceiro, entender como se dá à organização das mulheres em diversos espaços (vide subitem 4.2), já o quarto e quinto passo do questionário buscou entender assuntos relacionados à feira e suas perspectivas futuras (vide subitem 4.3). Todas as questões estão presentes no (Apêndice A).

Ainda foi realizado um questionário exclusivamente para os consumidores da feira, escolhidos de forma aleatória, no momento em que a feira se realizava. As questões abrangeram a concepção dos consumidores sobre a existência dos assentamentos no município, opção pela compra de produtos na Feira da Reforma Agrária e como veem a

organização das mulheres nesse processo. Essas questões se fazem presente no Apêndice B.

Segundo Burille (2010, p. 01), o questionário semiestruturado geralmente é o mais utilizado, portanto, o mais difundido, onde compreende um guia estruturado de temas e perguntas abertas. As entrevistas com as feirantes foram realizadas individualmente. Para isso, a pesquisadora se deslocou até a unidade de produção de cada uma delas, para melhor entendimento da realidade dessas companheiras e para que as mesmas se sentissem mais a vontade em responder e dialogar sobre os temas em estudo. Para melhor aproveitamento das informações as entrevistas foram gravadas com o consentimento das (os) participantes.

### 3.5 ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Os dados obtidos das entrevistas das quatro companheiras feirantes e dos dois consumidores foram transcritos das gravações, conforme o questionário aplicado, a fim de analisar e sistematizar as informações adquiridas e os dados alcançados.

## **4. JORNADA DAS MULHERES CAMPONESAS EM BUSCA DO EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA**

Essa seção visa à análise das entrevistas fundamentada em bases teóricas referentes ao assunto em estudo.

### 4.1 TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS FEIRANTES E SUAS CARACTERÍSTICAS

A trajetória de vida de ambas as entrevistadas é muito semelhante, já que todas são de origem camponesa, sempre viveram no meio rural. Desde muito cedo trabalharam na agricultura. A idade das entrevistadas fica entre 42 e 60 anos.

Das quatro entrevistadas três delas conquistaram a terra por meio das ocupações do MST, onde tiveram seus primeiros contatos com esse movimento, e uma delas relata que a conquista da terra veio após seu contato com o MMC (Movimento das Mulheres Camponesas) e com o MST. Mas que na época não participou dos processos de ocupação, pois tinha um filho pequeno, e seu esposo achou melhor ela permanecer onde moravam para cuidar da casa e das poucas coisas que tinham na época. Somente após a desapropriação da área a companheira foi para sua terra. Aqui podemos fazer uma ligação com que diz Fernandes (2015, p. 130), onde mostra que o trabalho realizado pelas mulheres dentro do espaço doméstico mesmo sendo muito importante ainda é invisível aos olhos da sociedade e, por consequência, é visto como algo naturalizado”.

Mesmo assim as companheiras continuavam na caminhada de luta pela terra, muitas

com filhos pequenos, com muitas tarefas, mas a vontade de conquistar seu pedaço de terra era maior.

[...] depois que casei mais ou menos em 1990, segui com meu companheiro também pra ocupação, passamos muitos anos para conquistar nosso pedaço de chão. Passamos por várias ocupações até sermos assentados. Graças a coragem e vontade de mudar as nossas vidas, que conquistamos a nossa terra, foi muito sofrido para chegar até aqui mais valeu ter lutado. (FEIRANTE A, 2018).

A partir do relato da feirante podemos ver que a participação das mulheres camponesas na luta pela terra ultrapassa décadas, juntamente com a luta pela conquista de seus direitos.

As feirantes relatam como era a organização, convívio e até mesmo a divisão do trabalho na época em que estavam no acampamento, todos os relatos se assemelham muito com o da feirante A. Onde ela fala:

[...] a organização era muito linda, era dividida em núcleos de base, cada 10 família formavam um núcleo, e cada núcleo era responsável por alguma atividade o convívio era muito importante dentro do acampamento, pois eram famílias de vários lugares daqui de Santa Catarina e também de outros estados. A divisão das atividades era em equipes, de disciplina, educação, produção, saúde e outras, o trabalho era dividido igualmente, os homens ajudavam suas companheiras a lavar as roupas, e “até” cuidar dos filhos. (FEIRANTE A, 2018).

Assim podemos identificar que ao falar sobre a divisão do trabalho na época a companheira usa a palavra “até” ao se referir ao cuidado dos filhos, como se fosse algo incomum os homens cuidarem de seus filhos, isso tudo se deve pelo fato que sempre as mulheres encaram essa tarefa, como dever. Pois as mulheres desde meninas são obrigadas brincar de bonecas, de casinha e muitas outras coisas que a sociedade julga ser atividades femininas.

Faria (2011), concorda ao falar que a “[...] percepção e a presença das mulheres no campo são marcadas pela divisão sexual do trabalho e pelas relações patriarcais, o que fez prevalecer análises a partir do lugar das mulheres nas relações familiares, em geral focando no seu papel de mães, esposas e donas de casa.

Porém, quando questionadas sobre as mudanças que ocorreram da a época de acampamento e início dos assentamentos até hoje, podemos entender que houve regressões em alguns casos, mas também houve ótimas mudanças na questão das mulheres nesses espaços.

A Feirante B, diz que ocorreram muitas mudanças no assentamento daquela época até hoje, pois o acampamento é um processo de organização, formação e trabalho. Já quando conquista a terra e vai para o assentamento esse modo de organização em setores, núcleos deveriam continuar, pois após essa conquista vem a casa, energia elétrica e a própria

produção. Há muitas mudanças na vida de uma pessoa que vai para um assentamento, como a forma de viver, produzir e se alimentar com a família.

A feirante ainda diz que ocorreram mudanças na questão produtiva. Relata que vê uma grande mudança na produção diversificada agroecológica que as mulheres estão investindo e se dedicando pra produzir. Cada vez mais presentes no desenvolvimento de feiras, e também se organizando e participando de discussões nos assentamentos e acampamentos.

Como comenta a Feirante A, hoje, diferente de antigamente as mulheres estão se empenhando, cuidando e trabalhando com hortas e são elas que, na maioria das vezes, estão à frente do processo da produção leiteira. Os filhos juntamente com seus pais estão na maioria das vezes trabalhando fora da propriedade em atividades ditas por eles geradoras de renda.

Dessa forma podemos entender que na maioria das vezes o trabalho desenvolvido pelas mulheres não é visto como gerador de renda, mesmo quando Dieese (2011 apud JAHN; CONTE, 2015, p. 24), descreve que “numericamente as mulheres correspondem a 46,7% ao passo que os homens são 14% dedicados à produção de autoconsumo, e por outro lado as mulheres representam 30,7% e de homens é 11,1% dos trabalhos agrícolas não remunerados.”

Segundo Butto e Hora (2010), o trabalho na maioria das comunidades rurais se organiza com base na divisão sexual do trabalho, onde as mulheres são responsáveis na maioria das vezes pelo trabalho reprodutivo, cuidados domésticos, e os homens no trabalho gerador de renda monetária, onde apenas esses trabalhos são considerados produtivos, com isso aparecem cada vez mais representações de desigualdade entre as pessoas.

Mesmo com a discriminação existente na sociedade a Feirante C, fala que hoje a maioria das famílias tem boas condições de vida e que as mulheres começaram a sair, participar de encontros e reuniões, e quem contribuiu sem dúvida para essas famílias chegarem onde estão hoje foi o MST.

“Movimento Sem Terra foi uma coisa boa, pois minha família sempre trabalhava de empregado e nunca tinham nada, e hoje temos uma terra e muitas coisas pra sobreviver” (FEIRANTE C, 2018).

Ainda sobre as mudanças nessa trajetória histórica da vida dessas companheiras a feirante D, fala da importância de após conquistarem a terra, continuarem ativas na luta, pois, como ela fala, muitas pessoas conquistaram suas terras e se acomodaram sem pensar nos demais que estão lutando por esse mesmo objetivo Fernandes (2015) ressalta que esses assuntos e debates devem ser vistos a luz de cada contexto histórico e cultural, pois à medida que os movimentos conquistam novos direitos, outras portas se abrem para novas demandas.

A Fotografia 1, está representada por algumas companheiras que fazem parte do processo

de feira nesse município.

Fotografia 1- Feirantes do município de Passos Maia SC



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Diante as características das feirantes, a próxima sessão visa descrever como se dá a organização das mulheres camponesas e qual seu entendimento da relação de gênero.

#### 4.2 MULHERES CAMPONESAS, MEIOS DE ORGANIZAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO

As companheiras feirantes em suas entrevistas buscaram trazer como se dá a organização nos assentamentos onde residem e questões referentes à relação de gênero, essa parte da pesquisa se mostrou de fundamental importância já que são elas que na maioria das vezes estão nos assentamentos contribuindo em diversas atividades.

Quando perguntada sobre a organização das mulheres em seu assentamento, a Feirante A diz que não se difere muito dos demais assentamentos do município.

[...] lá no assentamento tem clube de mães, com participação de vinte companheiras, essas companheiras sempre discutem vários assuntos relacionados tanto com a comunidade, como na vida delas, sempre estão desenvolvendo atividades de confraternização, não somente com as mulheres, mas também com todas as pessoas da comunidade, pois o clube tem objetivo de estar sempre atuando nas decisões da organização, para que assim a mulher possa ter voz ativa na família e nas atividades da propriedade e não só o homem. (FEIRANTE A, 2018).

Muller et al., (2016), elenca vários motivos que levam as mulheres a buscarem novas formas organizativas, a falta de emprego, trabalho e renda são alguns deles e isso está muito presente na realidade tanto no meio rural, quanto urbano. Muitas mulheres começam ver a

importância de estarem organizadas a partir do momento da necessidade de terem maior autonomia e não dependerem apenas do trabalho realizado em suas unidades de produção, e são nesses momentos que se inicia a organização das mulheres em vários grupos produtivos.

Percebemos diante as falas das feirantes que as mulheres estão cada vez mais ganhando espaços dentro comunidades e outros lugares que até então só tinham a figura masculina como principal. A Feirante B, fala que no assentamento, além do grupo de mulheres, estão engajadas em diversas outras tarefas. Aqui podemos fazer uma ligação com que diz, Andrade (2010), quando em seu estudo conclui que com a organização das mulheres, elas deixam de se ver restritas ao espaço doméstico e passam a ser vistas e ter diversas participações nas decisões em diferentes espaços públicos. Segundo Butto (2011), a organização das mulheres nos espaços da produção, gestão e comercialização de modo autônomo é um desafio permanente para todos e todas que buscam reduzir as desigualdades de gênero.

[...] aqui muitas mulheres participam da coordenação de setores e núcleos do assentamento, há muita participação na produção, no convívio e em muitas tarefas as mulheres sempre estão empenhadas em participar. Quando as companheiras desses grupos se reúnem, as mesmas discutem as políticas do Movimento Sem Terra, do assentamento e também dos acampamentos, trocam ideias, se divertem e fazem diversas atividades, principalmente conversam e trocam experiências (FEIRANTE B, 2018).

Conforme Bruno et al., (2011), surgiram nos últimos tempos vários grupos produtivos formados por mulheres rurais, os quais apresentam forte caráter reivindicativo, mas pouco impacto produtivo e econômico. Embora exista um reconhecimento da presença de organizações produtivas de mulheres no meio rural, ainda são poucos estudos que se propõem a conhecê-las.

A Feirante D deixa clara a importância dos grupos de mulheres nas áreas de assentamentos ao falar que nas promoções das comunidades, festas, encontros, missas, etc. As mulheres sempre são as mais ativas. E que sempre estão mais presentes do que os homens, mesmo tendo algumas companheiras que se acomodaram na forma imposta pelos maridos. Mas a feirante acredita que um dia essas companheiras possam ver que elas são importantes nesses espaços. Pois, segundo Boni et al., (2017), “é por meio da participação nos espaços públicos e nas lutas sociais que as mulheres vêm adquirindo direitos, acesso às políticas públicas e visibilidade”.

Na fotografia 2 mostra um dos vários encontros realizados pelas mulheres camponesas feirantes da Regional Vale do Contestado, envolvendo as companheiras do município de Passos Maia, mas também de outras localidades.

Fotografia 2- Encontro com o grupo de feirantes



Fonte: Dados da pesquisa ( 2016).

A Feirante A comenta a importância das mulheres nas atividades dos assentamentos, pois, diz que as mulheres participam muito mais que os homens, estando sempre presente na comunidade. Para Aparecida et al., (2016), nas feiras isso também não é diferente, as mulheres são as que têm maior participação, sempre pensando na melhoria da qualidade de vida de sua família.

Quando questionadas sobre a participação das mulheres nas decisões produtivas, as feirantes falam da dificuldade em muitos casos em poder estar a par dos negócios que geram mais lucros no meio rural, pelo fato que desde muito cedo aprenderam que é o homem que deve tratar desses assuntos. Collet e Cima (2015, p.43), concordam quando falam que “a sociedade capitalista e a cultura patriarcal têm dificuldades de reconhecer a contribuição das mulheres, tanto no trabalho rural como doméstico.”.

“Vejo que nem todas as mulheres tem participação, pois muitas se o companheiro não está presente no lote, acabam não definindo o que irá plantar, pois muitas vezes é posto na cabeça das mulheres que somente os homens tem que estar nessas áreas”.(FEIRANTE A, 2018).

Se as mulheres se libertarem das amarras criadas pela sociedade , elas iriam certamente contribuir ainda mais do que já veem contribuindo ao longo da história da humanidade, conforme a estudos apresentados pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO, 2011), “se as mulheres rurais tivessem o mesmo acesso aos recursos que os homens, conseguiriam diminuir a fome no mundo entre 12% e 17%”.

Já a Feirante B, diz que as mulheres tem sim, participação na questão produtiva, mas em partes, geralmente elas estão à frente das produções que são comercializadas na feira, enquanto nas demais questões produtivas geradoras de maior renda estão seus companheiros. Isso fica evidente quando a Feirante C comenta que nas decisões produtivas dos lotes de assentamento, a maioria das famílias tem um diálogo, mas isso quando se trata da produção pro autoconsumo, pois, quando é “coisa grande” é o homem quem decide. Relata ainda que a maioria das famílias conversa e que se ajuda, porém, na hora de vender a produção quem está à frente é sempre o homem, com raras exceções.

Há estudos publicados que nos mostram com clareza que em vários países as mulheres sempre têm áreas menores para cultivos do que os homens e que as áreas concedidas a elas na maioria das vezes são áreas com menor potencial produtivo e de difícil acesso (COLLET; CIMA, 2015, p. 43).

A Feirante B comenta que hoje diminuiu muito a questão da discriminação da mulher nos assentamentos, pois no começo era bem forte essa questão. Relata que hoje se trabalha a questão de gênero nessas áreas e que isso contribui muito.

Ao serem questionadas sobre o que é relação de gênero as companheiras falam seu entendimento de diversas formas. A Feirante A diz que a relação de gênero não é só o homem e nem só a mulher que define o que vai fazer mais sim todos os membros da família. Conforme a Feirante B diz:

[...] a relação de gênero é a “paridade”, ou seja, igualdade de conviver e ter os mesmos direitos entre homens e mulheres, pois lutamos por uma sociedade diferente e temos que lutar por nossos direitos e que essa luta seja de igual para igual onde possamos lutar juntos com os companheiros sem nem um tipo de discriminação (FEIRANTE B, 2018).

Já a Feirante C acha que ainda falta muito pra mulher camponesa chegar onde ela quer, quando relata sua própria experiência.

[...] vejo por mim aqui na minha casa, eu tenho minha carteira de motorista, eu evolui bastante, fiz meu 2º grau depois que comecei a militar no MST. Mas sinto assim, que meus filhos e meu marido ainda acha que a mulher tinha que ser dona de casa, e eu acho que não, porque acho que deveria ter uma igualdade, se o homem dirige a mulher dirige também. As mulheres podem e fazem várias coisas que até então eram descritas como atividades masculinas, dirigir o trator que nem já tem umas que dirigem, eu não dirijo trator e nem o carro, não por medo mas eu sinto que é por uma rejeição do meu esposo, por isso que acho que as mulheres têm muitas lutas pela frente pra enfrentar essas discriminações. (FEIRANTE C, 2018).

Pode-se observar que ainda ocorrem diversos tipos de preconceitos, como a Feirante C comenta, muitas atitudes tomadas pelas mulheres acabam passando por diversas formas de preconceitos as quais são naturalizadas pela sociedade.

Ainda sobre o assunto, a Feirante D fala que hoje em dia os homens e as mulheres já

estão percebendo que o machismo está menor que antigamente, ainda existe, porém, com menor intensidade. Relata que antigamente a mulher era mandada pelo pai, e quando casava o marido que mandava e não tinha voz e nem vez. Já hoje as mulheres saem diariamente em busca de seus direitos, podendo opinar sobre diversos assuntos.

Isso porque a relação de gênero busca vários meios de construirmos uma sociedade mais igualitária, segundo Scheffler (2013, p. 05).

[...] o gênero organiza e legitima não apenas a divisão sexual do trabalho e a construção de papéis sociais correspondentes, mas, também, a divisão sexual de direitos e responsabilidades, o acesso e controle sexualmente diferenciado a oportunidades de trabalho bem como os instrumentos e meios de produção, recursos e fontes de renda e de crédito, capital, conhecimento, educação, instâncias decisórias, etc.

Por tanto diante do que foi discutida acima podemos ver que a opressão que muitas vezes sofremos por ser mulher só pode mudar e ser superada em uma sociedade que não haja separação por classes e um exemplo disso é a tão sonhada sociedade socialista ( MARQUES, 2017). E para isso acontecer devemos se inserir em diversos espaços, para desconstruir assim algumas ideologias criadas contra as mulheres, esses assuntos serão descritas no tema abaixo.

#### 4.3 FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA E AGROECOLOGIA E SEU PAPEL NO EMPODERAMENTO DAS MULHERES

Essa seção visa descrever o processo da Feira da Reforma Agrária, como se dá a organização da produção para ser comercializada, como surgiu essa ideia de comercialização nesses espaços e o seu papel no empoderamento das mulheres camponesas.

No primeiro momento buscou-se entender como surgiu a proposta de participação na feira. As feirantes A, B, C e D dizem que a ideia de participar da feira se deu nas reuniões da equipe técnica, na Cooperativa de Trabalhadores na Reforma Agrária de Santa Catarina (COOPETRASC). Depois disso, dividiu-se o grupo da feira em subgrupos menores, onde cada subgrupo ficou com uma coordenadora. A ideia da feira surgiu com o intuito de mostrar pra sociedade que a reforma agrária dá certo e que as mulheres tem uma grande contribuição nesse processo.

A Fotografia 3 mostra um dos encontros das feirantes realizado pela COOPETRASC, na sede do município.

Fotografia 3 - Encontro das Feirantes

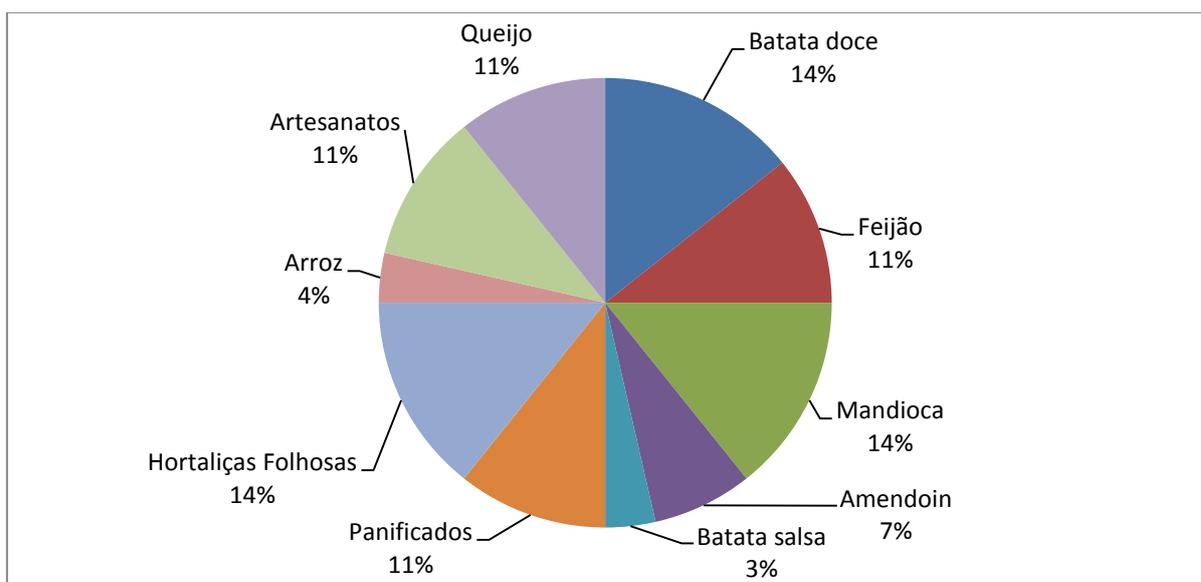


Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O planejamento da feira se dá na unidade de produção, uma das feirantes comenta, “o planejamento se dá na família, a gente produz de tudo um pouco, o que não vendemos fica pro consumo próprio”. (FEIRANTE A, 2018).

O Gráfico 1 mostra os principais produtos comercializados na Feira da Reforma Agrária pelas feirantes em estudo.

Gráfico 1- Principais produtos comercializados na Feira da Reforma Agrária



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No gráfico 1 podemos identificar que as culturas mais comercializadas na feira são as

hortaliças folhosas (alface, almeirão, agrião, acelga, espinafre, couve, repolho e rúcula). Segundo Oliveira et al., (2013, p. 03), “na agricultura de transição predominam a fruticultura, olericultura e agricultura de subsistência”, onde a maioria das companheiras que busca trabalhar nesses processos de feira visa a transição para agroecologia. A Fotografia 4 mostra alguns produtos que são comercializados na feira.

Fotografia 4- Produtos que são comercializados na Feira da Reforma Agrária.



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Quando questionadas pela pesquisadora quem da unidade de produção mais se envolve nesse processo, as feirantes relatam suas experiências nesses aspectos e o que se difere de uma para a outra.

“Quem se envolve mais nesse processo de comercialização sem dúvidas são as companheiras, as mulheres sempre estão envolvidas nesse processo que vai desde a produção até a comercialização”. (FEIRANTE B, 2018). De acordo com Aparecida et al. (2016, p. 85), as mulheres passaram ter maior controle sobre a produção dos alimentos, pois “produzem para o autossustento e venda do excedente na feira, existe uma grande diversidade de produtos ofertados ao consumo final”. A Feirante C concorda ao afirmar que geralmente são as mulheres que participam mais à frente desse processo, pois são as mulheres que trabalham com a questão das hortaliças, panificados e artesanatos.

Da mesma forma que observamos maior incidência de mulheres no processo de produção e fabricação de produtos para serem comercializados na feira, vemos que são elas que estão sempre presentes nas bancas da feira e, por isso, o seu grande envolvimento.

[...] o envolvimento da mulher nesses espaços de comercialização principalmente na feira, é um envolvimento muito ativo, porque a feira é uma coisa muito boa, pois lá além de trocar experiências, a gente troca produtos, quando eu tenho um produto e a

companheira tem outro a gente troca, e isso é uma coisa muito boa. (FEIRANTE C, 2018).

Mas com todo esse envolvimento sabemos que ainda tem atividades exclusivas desenvolvidas pelas mulheres nas áreas de assentamentos e que isso é importante para refletirmos, já que procuramos construir assentamentos mais justos e igualitários.

Para a Feirante A, as atividades exclusivas das mulheres nos assentamentos são a horta e a produção das pequenas culturas, sem contar com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos. Já a Feirante D, deixa clara a importância das mulheres no desenvolvimento da atividade leiteira de seu assentamento.

Mas, mesmo com essas atividades exclusivas essas companheiras se desafiaram em tocar esse processo das feiras e hoje se demonstram muito empoderadas com essa atividade. Pois, segundo Oliveira et al. (2013), as feiras agroecológicas surgem como estratégia de fortalecimento dos produtos agroecológicos, tanto os locais, como os regionais. Além de possibilitar a socialização das práticas agroecológicas desenvolvidas principalmente pelas agricultoras em suas diversas experiências, o que possibilita o conhecimento, dos principais desafios e as vantagens que a Agroecologia possui.

Ao serem questionadas pela pesquisadora, como se sentiam participando da feira e seus benefícios, a pesquisadora teve diferentes respostas:

[...] gosto de ir na feira, ela me trouxe vários benefícios, não que trouxe dinheiro, mas sim um espaço onde nós mulheres podemos conversar, trocar ideias, expor os produtos feito nós próprias aqui no assentamentos e isso é um dos grande motivo pelo qual faço parte desse processo (FEIRANTE A, 2018).

Já a Feirante B, traz os elementos que justificam a sua participação na feira e quais os benefícios trazidos por ela.

[...] gosto de ir à feira, participar, pois, isso é conviver com a sociedade e passar aquilo que aprendemos é conversar com as pessoas e ainda vender os produtos bom e ter orgulho de produzir uma coisa boa e entregar pra população coisas produzidas lá na roça e ainda mais sem venenos, o que é bem diferente de comprar produtos do mercado que são cheios de veneno. A feira trouxe muitos benefícios, tanto em conhecimento como questão financeira que mudou muito, a renda adquirida na feira fica comigo, mas sempre converso com a família sobre onde investir. Vender na feira é uma garantia de produzir e vender e ao mesmo tempo voltar pra casa com o dinheiro, pois a gente produz já sabendo que vai conseguir vender, essa é uma das vantagens que ser feirante traz para cada família que vende. (FEIRANTE B, 2018).

As feirantes A, B, C e D, ao serem questionadas pela pesquisadora sobre o que a feira representava para elas e qual a razão de ser feirante, responderam que precisam mostrar a sociedade que a reforma agrária dá certo, e que participando da feira e levando produtos ecológicos, a sociedade irá ver o trabalho das mulheres e das famílias assentadas. A Feirante B, fala como se sente participando da feira.

[...] hoje me sinto orgulhosa de conquistar uma terra, produzir meu próprio alimento, ter uma produção e ter aonde entregar e vender e também saber que outras pessoas compram e ficam conhecendo da onde saiu àquela produção, que de uma terra que uma vez era de um monocultivo de soja ou de outra cultura do agronegócio, hoje tem uma diversificada produção pra comercializar na feira, me sinto muito feliz em participar da feira de estar mostrando os produtos produzidos com amor e sem veneno. ( FEIRANTE B, 2018).

Já a Feirante C deixa claro que adora ir à feira e como se sente participando desse processo.

[...] lá a gente troca experiência com as outras companheiras, toma um mate e se vê com as amigas, troca de experiências com o pessoal da cidade, lá a gente vende sempre alguma coisa, e assim sempre dá pra ter um dinheirinho para comprar outros produtos que eu mesma precise como abastecer o carro, comprar sementes, algum produto de beleza, eu sendo mulher eu me sinto valorizada e feliz em participar da feira. (FEIRANTE C, 2018).

Em outras palavras, as discussões feitas por Andrade (2010), andam pela mesma direção do estudo proposto para as feirantes de Passos Maia. A autora concluiu que para as mulheres de Toledo, as feiras eram algo muito maior que apenas um espaço de comercialização, pois, sem dúvidas, era um local que lhes dava autonomia e que abria caminhos para possíveis transformações nas relações de gênero.

E por fim a Feirante D dá sua opinião sobre o assunto relatando que “ama” ir à feira, que lá se sente bem em estar participando, pois, além de estar vendendo os produtos e sempre vir com uma renda pra casa, as companheiras feirantes e até consumidores conversam, é muito bom.

Fala ainda que a renda obtida da comercialização dos produtos ficava com ela, mas que sempre conversavam na família sobre o que fazer com a mesma, relata que na maioria das vezes comprava coisas pra casa, para ela utilizar na cozinha e que isso é uma forma de estar conseguindo seu próprio dinheiro. Aqui podemos fazer uma ligação com que diz Andrade (2010), onde após as análises de sua pesquisa, também chegou a resultados que mostram que dentre as formas que as mulheres tinham para se sentir empoderadas, uma delas era, sem dúvidas, questão da renda obtida através de seu trabalho. Mesmo assim, a renda obtida pelas mulheres não é alta e como já dito acima por umas das feirantes é utilizada pra comprar alguma coisa para casa ou utilizada para contribuir com a autoestima feminina em suas necessidades pessoais. Andrade (2010), ressalta que mesmo com a obtenção dessa renda muitas mulheres pesquisadas em seu estudo tem uma grande dependência financeira e de poder em relação aos homens de sua família. Nesse estudo isso não se torna diferente, pois ao analisar e entender a vida dessas feirantes percebeu-se que a renda obtida pela feira contribui certamente para o desenvolvimento familiar. Porém, não supre as necessidades básicas de

uma família.

Para entender melhor os fatores que contribuem para o empoderamento das mulheres elaborou-se um quadro síntese com as principais respostas obtidas nas entrevistas (Quadro 2).

Quadro 2- Razões da participação das mulheres camponesas na Feira da Reforma Agrária

<b>RENDIMENTO</b>	<b>PAPEL SOCIAL</b>	<b>EXPERIÊNCIAS E CONHECIMENTO</b>	<b>CONTRIBUIÇÃO AO ASSENTAMENTO</b>
Ter uma renda própria. Comprar coisas que necessito. Ter meu dinheiro. Ajudar a família.	Novas amizades. Ter com quem conversar. Tomar um chimarrão. Partilhar ideias. Mostrar à sociedade a importância das mulheres.	Troca de experiências entre as pessoas. Sempre aprendemos algo, quanto ensinamos.	Mostrar que a reforma agrária dá certo. Mostrar a produção dos assentamentos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Observamos como essas companheiras se sentem empoderadas e ao mesmo tempo muito felizes por poder comercializar seus próprios produtos, ter um lugar para sair e conversar e, sem dúvida, conseguir uma renda própria que, acima de tudo, gera ainda mais autonomia para essas mulheres camponesas.

O empoderamento é percebido a partir do momento em que a feira passa a promover mudanças na vida dessas companheiras, quando passa a ter uma grande reorganização na vida produtiva das famílias envolvidas. Pois, é aí que essas companheiras se sentem parte central na construção de uma nova proposta de agricultura, em um âmbito familiar, participativo e sem o uso de agrotóxicos. E, a partir disso, as mulheres camponesas passam a ter maior autoconfiança, autodeterminação, autonomia e, sem dúvida, sentem-se empoderadas.

Diante discussão identificou-se ainda com essa pesquisa que as mulheres camponesas em estudo se encaixam diretamente nas quatro dimensões do empoderamento descritas por Brumer e Anjos (2010): econômica, pessoal, social e política. Na dimensão econômica, as mulheres destacam que têm controle sobre os resultados econômicos dos produtos comercializados na feira, sempre conversam com a família sob onde aplicar essa renda, mas na maioria das vezes acabam utilizando essa renda para suprir suas necessidades pessoais.

Na dimensão pessoal se percebe uma grande mudança na vida dessas companheiras

aumentando acima de tudo sua autoconfiança.

Já nas dimensões sociais e política identificou-se que as mulheres tem sua total liberdade de expressão e opinião nas diversas atividades realizadas seja na questão produtiva, como questões políticas do MST e outros. Essa dimensão fica ainda mais clara quando as companheiras se sentem valorizadas e felizes em participar da feira da reforma agrária.

Mesmo com a percepção do empoderamento essas companheiras elencam uma série de perspectivas futuras sobre esse espaço de comercialização, as quais podem vir a contribuir futuramente com a maior divulgação dos trabalhos desenvolvidos e produções colhidas nas áreas de reforma agrária. As feirantes A e B, relatam que há uma grande necessidade de ampliar o local da feira e que mais pessoas pudessem estar se inserindo nesse processo, para que os assentamentos possam mostrar que além de trabalhadoras elas são também produtoras de alimentos sem veneno.

Porém, para que esse processo possa continuar a Feirante C destaca que esse projeto necessita de apoio. Nessa questão observamos a grande falta de apoio que as feirantes têm nesse município, a falta de um local fixo e adequado mostra uma das dificuldades enfrentadas por essas companheiras.

A Feirante D, comenta sobre essa situação, onde diz que “[...] há grandes perspectivas de a feira aumentar e continuar, mas tem falta de estrutura fixa pra que as companheiras possam levar seus produtos e vender, pois assim poderia ser mais vezes e não apenas quinzenalmente”.

Diante dessa fala pode-se notar que as companheiras têm boas perspectivas em relação a esse processo, porém, passam por dificuldades como colocaram acima. Nesse momento torna-se necessário o apoio de entidades e principalmente, incentivo municipal para que as demandas apresentadas pelas companheiras sejam atendidas. Pois com a melhoria na estrutura da feira, a mesma certamente teria maior divulgação.

Outro fator importante que cabe aqui ser descrito é a necessidade de capacitação permanente das feirantes na perspectiva agroecológica, para assim haver maior sensibilização dos consumidores sobre o tema, ou seja, na linha de consumo consciente.

Nessa seção procurou-se ainda entender como se dá o entendimento dessas companheiras referente à Agroecologia.

Para a Feirante A, a Agroecologia é amar e cuidar da terra, é ter amor por ela, e produzir alimentos sem veneno. Ainda ressalta a importância da mulher nesse contexto, comentando que lá na sua horta, ao cultivar a sua própria semente, ela está contribuindo para natureza e que a mulher tem mais cuidado e amor pela sua produção. Vemos aqui o quanto é

grande a importância das mulheres nesses sistemas de produção, sejam eles em assentamentos ou acampamentos, o quanto é grande a valorização que elas tem pela terra e pelos frutos que dela nascem, e que essas companheiras conseguem ver a tamanha dimensão da Agroecologia. Bastiani e Hadich (2017, p. 139), concordam com isso quando afirmam, “a agroecologia é um projeto em defesa da vida e as mulheres, em sua essência, em sua natureza são capazes de entender e assimilar isso”.

Já para a Feirante B, a Agroecologia é mudar completamente a vida da pessoa em ambos os aspectos, tanto na família como na natureza, pois quem luta pela Agroecologia tem que se desafiar a fazer uma mudança radical em sua vida. Nesse contexto, as mulheres são muito importantes e mais beneficiadas, pois, viver bem e mudar o convívio com a família e a natureza são muito interessantes. Segundo Siliprandi (2015, p. 27):

A agroecologia é um movimento relativamente novo no Brasil, e há estudos que mostram que, muitas vezes, são as mulheres quem iniciam a conversão da propriedade para sistemas mais sustentáveis, por estarem mais envolvidas com as propostas que tratam da saúde e da alimentação das famílias.

Diante as falas das feirantes podemos constatar que veem a Agroecologia em seus diferentes âmbitos e que isso é extremamente necessário para se construir uma vida saudável e mais sustentável. Para Boni et al.(2017,p.23):

[...] a produção agroecológica é entendida pelas mulheres em seu aspecto mais amplo. Ela é responsável por uma melhor condição de trabalho, ao eliminar da produção elementos com os agrotóxicos. Mas também é um resgate de valores com a própria natureza ao contribuir para a sua preservação e, como consequência, garantir acesso a alimentos livres de venenos para os consumidores.

Para a Feirante C, a Agroecologia é produzir sem veneno, e utilizar meios alternativos como esterco dos animais na adubação. Para ela, a mulher nesse contexto é quem geralmente está mais envolvida, pois, os homens geralmente pensam em atividades geradoras de dinheiro, esquecendo até mesmo da produção para subsistência. BONI et al.( 2017, p. 22), diz que “a produção diversificada para o autossustento, o cuidado com a horta, o pomar, as plantas medicinais, o jardim, tudo isso faz parte da identidade da mulher camponesa”. E, portanto, são elas que geralmente disseminam a Agroecologia por onde passam e onde vivem, e isso contribui para as trocas de experiências, que terão mais ênfase no próximo tema.

#### 4.4 AS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS E A RELAÇÃO CAMPO – CIDADE NA FEIRA

Diante de todo processo, entender os espaços das feiras e o que isso contribui para o empoderamento das mulheres camponesas, faz-se necessário entender como acontecem as trocas de experiências na relação campo e cidade nessa realidade.

Primeiramente buscou-se ouvir dos consumidores sobre o que achavam da reforma agrária

no município e da construção dos assentamentos. O Consumidor A, deixa evidente a importância da reforma agrária e dos assentamentos para o crescimento do município.

[...] a Reforma Agraria em nosso município é muito importante, pra movimento econômico do município, visto que a pequena agricultura, agricultura familiar produz e vende seus produtos no próprio município. E a criação dos assentamentos em nosso município foi uma ação muito importante pra questão do bem estar das famílias e pra que a terra também consiga exercer sua função social que é a produção de alimentos. Pois, até então, antes dos assentamentos o município era uma terra parada não produzia alimentos e nem animais tinha. Pois, sendo de um dono só não exercia sua função social. Nesse sentido os assentamentos são de extrema importância, pois trouxe agricultores que estão se sustentando de uma produção bastante diversificada. (CONSUMIDOR B, 2018).

Ao serem questionados pela pesquisadora sobre o que achavam da existência da feira no município o Consumidor A fala que é uma grande iniciativa por parte, geralmente, das mulheres que a cada quinze dias saem de suas rotinas e trazem produtos de ótima qualidade e sem o uso de veneno, o que é muito bom para todos. Já o Consumidor B diz:

[...] a Feira da Reforma Agrária traz pra nós no meio urbano a importância desses produtos que a agricultura dos assentados produz, tendo em vista que é agroecologia. Pois, a gente acredita e percebe em muitas visitas nas áreas de assentamento que de fato não é usado nem um tipo de veneno nesses produtos, o que torna esses produtos muito saudáveis e que com certeza agrega valor e auxilia as famílias em seu sustento e manutenção.

Ambos os consumidores entrevistados relatam que compram na feira porque os produtos são bem cultivados sem venenos, diferente dos que são comprados no mercado, e isso ajuda muito na saúde da família. Um dos consumidores ainda fala que compra na feira, pois, admira a reforma agrária e pensa que os agricultores merecem uma atenção especial pra sua manutenção na agricultura.

Quando questionados sobre como veem o trabalho das mulheres nesses meios de comercialização e como se dá a relação das pessoas nesses espaços, os consumidores deixam claro que as mulheres são muito importantes para o desenvolvimento dessas atividades e também na troca de experiências. Gomez (2016), concorda com a participação das mulheres nos processos de feira, pois provoca a fidelização dos consumidores, assim como a associação entre os conceitos de alimentos saudáveis e qualidade de vida o que faz das feiras um sucesso sociocultural e econômico.

[...] o trabalho das mulheres na feira é exemplar, muito importante, porque, durante as vendas elas vão fazendo a troca de experiências que é a forma em que é produzido o alimento, pois, isso desperta muita curiosidade em nós do meio urbano, em como conseguem produzir muitas coisas sem o uso de tratamentos químicos e aí tem essa troca de experiências dos modos alternativos de produção (CONSUMIDOR B, 2018).

Já para o Consumidor A, é muito interessante a troca de experiências entre as mulheres, o entusiasmo e alegria em que sempre estão em poder estar compartilhando com a

população do município as suas produções. Aparecida et al., (2016, p. 84), conclui que “[...] as mulheres fazem a feira virar um local bom de estar, pois as pessoas não vão apenas para comprar, mas para se encontrar umas com as outras, conversar, passar recados[...]”.

Assim, as feiras são um espaço que os conviventes enriquecem o seu capital cultural, através da aprendizagem e aquisição de novos saberes e experiências vividas pelo outro. O consumidor, trazendo o seu saber urbano para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber forjado no contato com a natureza e na dinâmica dos processos naturais de produção (GODOY; ANJOS, 2007).

Nesse sentido de troca de experiências e relação campo – cidade buscou-se entender também o que as feirantes achavam dessa questão.

A Feirante A fala que sempre conversa com os consumidores sobre os produtos produzidos nos assentamentos, que são produtos sem veneno, produtos orgânicos e sempre falam da importância de estar consumindo esses alimentos.

[...] a reforma agrária produz alimentos nos assentamentos e levam pra cidade, onde é vendido pra sociedade, e os moradores da cidade compram e consome essa produção, e na própria venda já vão conversando e trocando ideias e assim vai ocorrendo a divulgação dessa produção, assim ficam conhecidos os assentados que cultivam esses alimentos. A questão de produzir sem veneno, de forma alternativa sem usar produtos químicos, chama atenção da população da cidade, pois o que se compra hoje no mercado em sua maioria é produtos industrializados com venenos ( FEIRANTE A, 2018).

A Feirante D fala que muitas pessoas da cidade gostam muito da ligação que os assentamentos têm com o meio urbano através da feira. Muitas pessoas perguntam “quando vai ser a feira?”, e assim a gente vê que eles gostam da feira e que querem que a mesma siga acontecendo. Isso porque, assim, essas pessoas podem consumir produtos que não têm na cidade e certamente são mais saudáveis.

Esse contato direto com o consumidor final propicia um conhecimento mútuo e se constroem relações de amizade. É um contato direto que cristaliza aos poucos uma relação de confiança entre consumidor e produtor, em relação à qualidade, à procedência do produto e ao reconhecimento e valorização da organização dos agricultores familiares (WEBER, 2002).

A relação e a troca de experiências entre produtores e consumidores é algo marcante na construção dos processos de feira e, sem dúvida, na feira ecológica de Passos Maia, pois conforme Treep e Dvortsin (2016), além dos consumidores saberem de onde veem seus alimentos e dos produtores saberem onde suas produções estão indo, a uma criação de uma confiança mútua, respeito apoiando sempre comunidades e economias locais, o que faz com que os produtores se sintam estimulados em produzir alimentos de origem locais para atender a demanda dos consumidores. Abaixo serão expostas as fotografias 5 e 6, demonstrando a

interação dos produtores com os consumidores.

Fotografia 5 - Interação entre produtores e consumidores



Fonte: Dados da pesquisa ( 2017).

Fotografia 6 - Diálogo entre produtores e consumidores



Fonte: Dados da pesquisa ( 2017).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se deu no município de Passos Maia, Estado de Santa Catarina, e teve como principal objetivo analisar a Feira da Reforma Agrária de Passos Maia SC, como

um espaço de empoderamento das mulheres camponesas. Para isso o trabalho consistiu em um estudo de caso, através de pesquisa exploratória e utilização de questionário semi-estruturado para entender a realidade proposta nesse estudo.

Diante os resultados obtidos através da pesquisa, verificou-se que a feira demonstrou ser um espaço de grandes acúmulos de conhecimento e, sem dúvidas, de uma ampla série de aprendizados. As feiras locais estão crescendo a cada dia e com elas os conhecimentos sobre mercado e a própria produção, direcionada para ser cada vez mais sustentável, excluindo de seus manejos o grande uso de agrotóxicos, infelizmente ainda muito utilizado em nosso país.

A feira é um importante espaço para complementação da renda das famílias das mulheres camponesas. Além disso, a feira contribui para um amplo diálogo nas relações com consumidores havendo, assim, diversas trocas de experiências. Para as mulheres esse processo aparece como uma motivação para permanência no campo, gerando maior autonomia e empoderamento em suas formas de pensar, agir, produzir e comercializar.

A feira foi um espaço fundamental de empoderamento para as mulheres, pois, puderam se encontrar e conversar entre si, trocar ideias e mostrar o seu trabalho desenvolvido nos assentamentos. Pois, às vezes, nos assentamentos, essa ação fica prejudicada pela discriminação que ainda existe nessa realidade.

Conseguimos observar com clareza que as companheiras se sentem empoderadas e muito felizes por estarem comercializando seus próprios produtos e, assim, conseguirem uma renda própria que, acima de tudo, gera ainda mais autonomia para essas mulheres camponesas. Constatou-se que a feira passa a promover mudanças na vida dessas companheiras, quando se passa a ter uma grande reorganização na questão produtiva das famílias envolvidas. Observou-se, ainda, que a feira é um importante espaço para a divulgação do trabalho da mulher nos assentamentos de reforma agrária. Pois, segundo as entrevistadas a feira é um espaço de mostrar a sociedade que a reforma agrária dá certo e que as mulheres são extremamente importante nesse sentido.

Ao analisar a relação dos produtores e dos consumidores da Feira da Reforma Agrária como forma de aproximação do meio rural com o meio urbano, constatou-se que a relação e a troca de experiências entre produtores e consumidores é algo marcante na construção do processo da feira desse município. Pois, segundo os entrevistados, o trabalho das mulheres na feira é exemplar e muito importante, porque durante as vendas vão ocorrendo diversas trocas de experiências que contribuem sem dúvidas para a aprendizagem do povo urbano.

Diante das respostas obtidas se faz necessário o estudo de meios de comercialização, buscando-se por meio dessa pesquisa entender os anseios das mulheres camponesas em

ampliar seu empoderamento por meio da feira existente no município, fortalecendo assim suas organizações produtivas sempre buscando o bem-estar das pessoas através da Agroecologia. Fazendo isso de uma forma mais solidária e sustentável, contribuindo, absolutamente, na organização social de onde vivem com suas famílias.

Portanto, cabe a nós estudar meios de comercialização mais sustentáveis e que condizem com a realidade camponesa, onde haja um maior entrosamento entre a produção e o consumo. Com isso aumentando a circulação dessa produção entre a sociedade, abrindo, assim, alas para novas políticas públicas para que mulheres camponesas possam dar continuidade a seus sonhos.

As principais perspectivas futuras elencadas pelas feirantes foram a grande necessidade de ampliar o local da feira tendo, assim, um local fixo e adequado, pois, com essa melhoria certamente a feira teria maior divulgação. Torna-se necessário o apoio de entidades e incentivo municipal para que as demandas apresentadas pelas companheiras sejam atendidas. Outra sugestão é a necessidade de capacitação permanente das feirantes na perspectiva agroecológica, para assim haver maior sensibilização dos consumidores sobre o tema, ou seja, na linha de consumo consciente.

Certamente que a presente pesquisa não esgota as lacunas referentes ao estudo das feiras como uma alternativa para o empoderamento das mulheres camponesas, mas sem dúvida, abre caminhos para que outras pessoas se sintam motivadas a continuar essa tipo de pesquisa que é de extrema importância em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel A. Apresentação à quinta edição. In: ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 07-15.
- ANDRADE, Fabiola Rubim de. “**Empoderamento da mulher:**” um estudo empírico da feira do produtor de Toledo PR. 2010. 99 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Estadual do oeste do Paraná, Paraná, 2010. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2267/1/Fabiola%20J%20Rubim%20de%20Andrade.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- APARECIDA, Cleide.; ROBERTO, Carlos.; RAMALHO, Isabel, org. A presença das mulheres camponesas nas feiras do MPA em Rondônia. In: **Diversidade produtiva das mulheres do MPA**. São Paulo: Expressão popular, 2016. cap. 1, p. 81- 91.
- BONI, Valdete et al. **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica:** relatos de uma vivência. Tubarão SC: Copiart, 2017.
- BORGES, Flávia et al. **Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras**. 2011. Disponível em: < <http://institutokairos.net/wp-content/uploads/2012/04/Organizacao-de-Feiras.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (Org.). **Autonomia e cidadania:** políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. 192 p.
- CINELLI, C.; SANTOS, G. R. Feminismo, Agroecologia e Sustentabilidade. In: BONI, Valdete et al. **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. 1. ed. Tubarão SC: Editora Copiart, 2015. p. 107- 134.
- COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. In: Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no Pré-Gavião, 2000. **Anais** do Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no Programa de Desenvolvimento Comunitário da Região do Pró- Gavião, Vitória da Conquista, 16-18 fev. 2000. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/textosapoio1.PDF>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- CUNHA, B.M. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero, 2014. Disponível em: < <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%20C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>> . Acesso em: 10 mai. 2017.
- DAROLT, Moacir, R. Mercados locais, circuitos curtos e novas relações produção-consumo. In: NIERDELE et al., **Agroecologia** : práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. CURITIBA, 2013.p.139- 171.
- DVORTSIN, Leo; TREEP, Willem. Unindo ideais e comércio: levando o alimento local para

os supermercados locais. In: SCHNEIDER et al., **Produção, consumo e abastecimento de alimentos: desafios e novas estratégias**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 183-194.

ESTRATÉGIAS DE ACESSO A MERCADOS PARA AGRICULTURA FAMILIAR. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/220817464/Cartilha-Estrategia-de-Acesso-a-Mercados-Para-a-Agricultura-Familiar-Fundacao-Banco-Do-Brasil>>. Acesso em: 5 mai. 2017.

FERNANDES. A REALIDADE DAS MULHERES RURAIS NA LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA: AÇÃO. Disponível em: <<file:///C:/Users/-/Downloads/7765-1-31602-1-10-20091231.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

FLACH, Affonso. A produção, a agregação de valor e a cooperação e as questões de gênero. In: BONI, Valdete et al. **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. 1. ed. Tubarão SC: Editora Copiart, 2015. p. 107- 134.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, W.I.; ANJOS, F. S. dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/-/Downloads/6312-1-25970-1-10 20070427%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/-/Downloads/6312-1-25970-1-10%20070427%20(2).pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2017.

GOMEZ, Marcella et al. **Empoderamento da mulher através de feiras agroecológicas na cidade de Ilhéus, Bahia**. Bahia, 2016.

Disponível em:

<<http://caritas.org.br/wpcontent/filesmf/1452533507cadernoeconomiaWEB.pdf>>. Acesso em: 15 de jun.2017

GUERRA SERTANEJA DO CONTESTADO. **Histórico**. Disponível em:

<<http://fronteiradacancao.com.br/wp-content/uploads/2015/08/a-guerra-sertaneja-do-contestado.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Histórico do município Passos Maia**. Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=421227&search=santa-catarina|passos-maia|infograficos:-historico>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Painel de assentamentos da reforma agrária SC**. Disponível em:

<<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

JAHN, E. F. de; CONTE, I.I. Agricultura familiar e camponesa. In: BONI, Valdete et al. **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. 1. ed. Tubarão SC: Editora Copiart, 2015. p. 15- 30.

LEÓN, Magdalena. **El empoderamiento de las mujeres:** encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. Disponível em:

<<http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/pperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

LOPES, Adriana L.; ZARZAR, Andrea Butto. **Mulheres na reforma agraria:** a experiência recente no Brasil. Brasília: MDA, 2010. 240p.

MONTIEL, Marta S.; COLLADO, Ángel C. Rearticulando desde la alimentación: canales cortos de comercialización em Andalucía. Sevilla. p. 259-283.

Disponível em: <<http://institucional.us.es/compromiso/libreconf/docs/canales.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

NIERDELE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado. (Org). **Agroecologia:** práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. 393 p.

OLIVEIRA, Vanuze et al. **Comercialização de produtos agroecológicos:** relato de experiência da feira agroecológica da cidade de Lagoa Seca, PB. Revista Brasileira de Agroecologia, nov. 2013.

PLOEG, J. D. van der. Mercados aninhados recém criados: uma introdução teórica. In: SCHNEIDER et al. **Construção de mercados e agricultura familiar:** desafios para o desenvolvimento rural. 1. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016. p. 21 – 50.

SCHERFLER, Maria. **Gênero, autonomia econômica e empoderamento o real e o aparente:** sistematização de processos de investigação-ação e/ou de intervenção social. 2013. Disponível em:

<<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/75/73>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres como sujeitos políticos da luta ecológica. In: SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia transformando o campo as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015. p. 37-66.

SINGER, Paul. Origens históricas da economia solidária. In: SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. p. 24-39.

SIQUEIRA, Elizabeth, S. S. **Empoderamento de mulheres agricultoras:** possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano. 2014. 250 p. Dissertação ( Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2015%20mestrado%20UFBA%20Ana%20Elizabeth%20Siqueira.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

TOMAZELLI, Simone L. **Passos Maia á muitas mãos.** Secretaria municipal de educação e esportes. 1ª ed. Passos Maia, 2016.

TRÉS, Priscila. Mercado Popular de alimento e a participação das mulheres na renda familiar

camponesa. In: FAGUNDES et al., **Diversidade Produtiva das mulheres do MPA**. 1ª ed. São Paulo: Editora Expressão popular, 2016. p. 73-81.

VIA CAMPESINA DO BRASIL, **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://gege.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/OUTROS/O%20CAMPESINATO%20NO%20SEculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

WEBER, Jaime. **Feira Ecológica**: Estudo de caso da experiência desenvolvida pelo CAPA (Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul). Disponível em: <[http://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/Mono\\_Jaime\\_Weber.pdf](http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Mono_Jaime_Weber.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

WIKIPEDIA. **Localização de Passos Maia em Santa Catarina**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Passos\\_Maia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Passos_Maia)>. Acesso em: 22 mai. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## **APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FEIRANTES**

Esse questionário destinou-se a uma pesquisa acadêmica em torno do tema, Feira da Reforma Agrária no município de Passos Maia (SC): Alternativa de Empoderamento para as Mulheres Camponesas.

### **NOME DA FEIRANTE (OPCIONAL):**

### **CONTEXTO HISTÓRICO DA FAMÍLIA DIANTE MST:**

1. Como foi seu primeiro contato com o MST?
2. Como conquistaram a terra?
3. Como era a organização e o convívio no acampamento, como era a divisão do trabalho?
4. Teve alguma mudança no assentamento do início até hoje?

### **RELAÇÃO CAMPO-CIDADE:**

5. Você troca experiências com os consumidores da feira?

### **SOBRE AS MULHERES:**

6. Tem alguma organização de mulheres no assentamento?
7. O que as mulheres fazem quando se reúnem?
8. O que mudou de antigamente para hoje nos assentamentos?
9. O que você entende por relação de gênero?
10. Como é a participação nas atividades no Assentamento?
11. As mulheres tem participação nas decisões produtivas nos assentamentos da reforma agrária de Passos Maia? Quais?

### **SOBRE A FEIRA:**

12. O que você produz pra comercializar na feira?
13. Como se dá o planejamento do que comercializar?
14. Como surgiu a ideia de comercializar seus produtos na feira?

15. Quem da família se envolve mais com a comercialização?
16. Existem serviços exclusivos das mulheres no assentamento e na unidade de produção?
17. Como você vê o envolvimento das companheiras em espaços de comercialização?
18. Sobre Agroecologia, o que você entende por esse termo?
19. Como você percebe a mulher nesse contexto?
20. Você gosta de ir à feira?
21. A feira trouxe benefícios diretos para senhora?
22. A renda da feira fica com a senhora?

**PERTENCIMENTO E PERSPECTIVA DE FUTURO:**

23. Por qual razão você é feirante e o que isso representa para você?
24. Como você se sente participando da feira hoje?
25. Qual a sua perspectiva na feira: ampliar ou manter? Por quê?

## **APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO CONSUMIDORES**

Esse questionário destinou-se a uma pesquisa acadêmica em torno do tema, Feira da Reforma Agrária no município de Passos Maia (SC): Alternativa de Empoderamento para as Mulheres Camponesas.

### **NOME DO CONSUMIDOR (A) (OPCIONAL):**

1. O que você acha da reforma agrária no município?
2. Foi importante para o município a criação dos assentamentos?
3. O que você acha da existência da Feira da Reforma Agrária no município?
4. Por você compra na feira?
5. Como você vê o trabalho das mulheres na feira?
6. Você troca experiência com os produtores feirantes?

**ANEXO A – FOTOS DA FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA**

Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2018.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.



Fonte: Álbum autora, 2017.